

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ANTONIO CARLOS WAGNER

Cinema: A arte interdisciplinar

**Porto Alegre
2012**

ANTONIO CARLOS WAGNER

Cinema: A arte interdisciplinar

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora: Ana Marli Bulegon

**Porto Alegre
2012**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa: Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa:

Liane Margarida Rockenbach Tarouco

Dedicatória

Dedico o presente trabalho a Deus que me acompanhou em todas as viagens, a todos os professores que mesmo à distância colaboraram com o meu aprendizado e a minha família que me apoiou.

Agradecimentos

Agradeço o amor e o apoio dos meus pais, filhos e minha noiva, também a professora Ana Marli Bulegon e a professora Denise Flores da Silva.

RESUMO

Foi realizado um trabalho de pesquisa bibliográfica com o objetivo de estudar o cinema, como recurso educacional e também como instrumento para os alunos realizarem sua criatividade numa visão interdisciplinar. O cinema tem sido utilizado como recreação, mas pode servir também para que os alunos façam seu filme, criando uma história que complemente os estudos realizados em cada série, passando de estudantes passivos, para pesquisadores ativos. Isto leva a educação a um novo paradigma que, conforme bibliografia estudada, torna o aluno protagonista de sua educação. Constatou-se, através desta pesquisa, que o cinema é utilizado em sala de aula, mas na maioria das vezes sem planejamento, como uma amenidade para tornar as aulas menos cansativas e menos monótonas, mas sem o planejamento que se deveria ter para enriquecer os conteúdos, chegando-se a uma educação verdadeiramente interdisciplinar.

Palavras-chave: Cinema; Educação; Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

A bibliographic study was conducted with the aim of studying the cinema, as an educational resource and also as a tool for students to realize their creativity in an interdisciplinary view. The film has been used as recreation, but can also serve to students to make their movie, creating a story that complements the studies in each grade, moving the students from passive to active researchers. This leads to a new educational paradigm, accord to studied bibliography, the student becomes protagonist of his education. It was found through this research that the film is used in the classroom, but most of the time without planning, as an amenity to make lessons less tiring and less monotonous, but without planning; it should to enrich contents, reaching up to a truly interdisciplinary education.

Keywords: Cinema, Education, Interdisciplinarity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 Metodologia da pesquisa	11
2 ARTES	12
2.1 Literatura	13
2.2 Pintura	15
2.3 Escultura.....	16
2.4 Arquitetura	17
2.5 Música	19
2.6 Teatro.....	20
2.7 Cinema	21
3 O CINEMA A 7ª ARTE.....	25
3.1 A utilização do cinema na sala de aula.....	32
3.2 Interdisciplinaridade	36
4 ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO	37
4.1 Os recursos didáticos	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55

INTRODUÇÃO

A educação no contexto mundial vem sofrendo alterações substanciais com a inserção das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). Dessa forma podemos compreender que o mundo evolui a favor do ser humano, encontrando os seus caminhos para o desenvolvimento.

A evolução da humanidade passa pela escola e um dos conceitos que mais vem sendo introduzido e estudado nesse meio, sem dúvida, é a interdisciplinaridade. Uma forma de buscar a visão geral dos temas apresentados pela escola enquanto transmissora do conhecimento universal.

As artes também acompanham esse avanço tecnológico no mundo e vem, cada vez mais, desenvolvendo novos espaços para que o homem enquanto ser pensante possa manifestar suas emoções das mais diversas formas, inserindo seus trabalhos através das diversas TIC. Entretanto, o espaço das artes nas escolas contemporâneas é bastante reduzido.

Nosso mundo está ficando cada vez mais dependente das mídias, que unem som e imagem na difusão do conhecimento. Pode-se ver televisão em qualquer lugar através dos aparelhos eletrônicos mais diversos, ou seja, em todos os lugares isto está ficando cada vez mais comum, mas enquanto isso as artes continuam presas nas galerias e os estudantes vão se distanciando cada vez mais dessa importante disciplina. Ao perder esse contato perdemos um pouco da nossa sensibilidade.

O cinema, no entanto, vem ocupando um espaço cada vez maior como arte universalizante, pois tem uma capacidade de adaptação em todas as culturas humanas. O poder da televisão como cultura de massa, aliado a criatividade do cinema, fez com que a escola o absorvesse, após ser disseminadas na sociedade.

Diante disso, levanta-se o seguinte problema: Como o professor contemporâneo pode, diante de uma perspectiva cinematográfica, promover a interdisciplinaridade de todas as artes dentro do ambiente escolar fazendo com que o aprendizado ganhe qualidade, interesse por parte de aluno e quais as possibilidades de entendimento dessa inclusão na sala de aula?

O cinema, usado como recurso didático, mostra-se importante, na atualidade, pois ele cresceu na medida em que a tecnologia se difundia nas últimas décadas do

século passado e no início do Terceiro Milênio. Com isso, objetivou-se neste trabalho de pesquisa bibliográfica estudar abordagens do cinema, levando em conta a capacidade de ser utilizado na educação, em vista do enorme leque de relações interdisciplinares que oferece.

Em vista disto, justificou-se o trabalho de pesquisa, partindo da necessidade de empreender uma educação apoiada em tecnologia de ponta, que ao mesmo tempo englobe os conhecimentos dentro da interdisciplinaridade. Por isso, pesquisou-se sobre o uso do cinema, dos vídeos, da televisão, que têm amplas possibilidades de envolverem a totalidade dos sentidos e das disciplinas e artes visuais e auditivas e mesmo de apresentarem uma visão geral da história humana, dentro do espaço geográfico e até sideral.

O cinema é uma arte multidisciplinar e não foi por acaso que foi denominado a sétima arte, pois contém literatura, teatro, arquitetura, pintura, escultura, música e proporciona oportunidades de os estudantes aprenderem sobre o passado, o presente e verem o futuro projetado na tela. Muitas vezes o profetismo chegou a antever o futuro com muita precisão, como no caso das viagens à lua, previstas com muita antecedência e com semelhança ao que aconteceu.

Para dar conta de atingir os objetivos propostos neste trabalho, realizou-se uma pesquisa bibliográfica cujos resultados são apresentados a seguir.

Observa-se a necessidade da formação de professores com visão holística, voltados para a totalidade do conhecimento e não para a especialização e a fragmentação dos conhecimentos. Por isto o cinema precisa estar incluído no dia a dia na escola, ser utilizado por todas as disciplinas que harmonicamente contribuam para que o aluno cresça na totalidade, sem os malefícios que a especialização ou a separação em compartimentos a educação possa proporcionar neste período da escolarização.

O texto apresentado a seguir inicia com a abordagem das artes, em sentido geral, para posterior enfoque e foco no “Cinema”, tema deste trabalho. Como o estudo tem a ver também com interdisciplinaridade na educação, serão abordadas sucintamente as artes que precederam a literatura, culminando com o cinema como a sétima arte. Na verdade todas as artes estão interligadas e corroboram com a educação e cultura humanas.

1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Conforme Rudio (1978), quando alguém se propõe a realizar um estudo é porque tem um problema a resolver. No caso em estudo, trata-se do rendimento da aplicação do cinema em seu sentido amplo, em sala de aula; e ainda da aplicação do cinema em todas as disciplinas, integrando-as e ao mesmo tempo ligando as outras artes entre si, para auxiliar na compreensão do universo como um todo.

Entende Rúdio (1978) por pesquisa algo empírico, realizado dentro de um método científico, com aplicação de um questionário a participantes da pesquisa. Na verdade, a presente pesquisa é bibliográfica, baseada em pesquisas de autores que estudaram o cinema, bem como sua aplicação como recurso didático. O citado autor reconhece a validade da pesquisa bibliográfica quando reforça a necessidade de embasamento teórico no problema da pesquisa. Ressalve-se, no entanto, que na atuação docente, aplicamos amplamente o cinema como recurso didático e mesmo elaboramos conhecimentos realizando filmagens com participação dos alunos. Assim, não apenas consumimos recursos didáticos fílmicos, mas também os produzimos.

Importante ainda salientar que todas as artes são passíveis de serem aplicadas na educação e encadeiam-se para formarem uma arte interdisciplinar. O privilégio do cinema, e daí sua escolha como poderoso auxiliar na educação, fundamenta-se no fato de o cinema ser a sétima arte, ou seja, a arte que coroou todas as outras, complementando-as e integrando-as. Destaque-se, ainda, que as outras artes são úteis na educação, mas o suporte eletrônico faz com que o cinema possa ser levado em salas de aula, projetado em forma de imagem, permitindo uma aproximação do saber de forma prazerosa, motivando os alunos e despertando sua atenção.

2 ARTES

O cinema é uma arte recente, iniciada em 1895, no final do século XIX. De certa forma, é uma arte como as outras, algumas surgidas com a humanidade, no momento em que o ser humano iniciou a falar e foi contando narrativas, histórias verdadeiras ou fictícias, nas cavernas ou ao redor das fogueiras. A arte rupestre também acompanhou o ser humano desde tempos primitivos.

De acordo com Spiner (2011, p. 1):

A arte é uma criação humana com valores estéticos (beleza, equilíbrio, harmonia, revolta) que sintetizam as suas emoções, sua história, seus sentimentos e a sua cultura. É um conjunto de procedimentos utilizados para realizar obras, e no qual aplicamos nossos conhecimentos. Apresenta-se sob variadas formas como: a plástica, a música, a escultura, o cinema, o teatro, a dança, a arquitetura etc. Pode ser vista ou percebida pelo homem de três maneiras: visualizadas, ouvidas ou mistas (audiovisuais).

Pode-se perceber a importância dos sentidos, no processo de captar a arte. Saliente-se, no entanto, que os sentidos são num primeiro momento receptores dos estímulos artísticos, mas é o cérebro que dá sentido à arte, significação para a vida dos seres humanos. Importa, pois que a arte seja sintetizada no cérebro humano, abrangendo a totalidade, não apenas aspectos visuais, auditivos ou audiovisuais.

Em vista disto, ao estudar o cinema como uma arte, é necessário situá-lo dentro da história humana e dentro da educação. O cinema, unido às outras artes, formando uma síntese, assume assim uma importância atual na educação, deixando de ser apenas um fator de recreação para se tornar partícipe da educação integral, onde as especializações, os campos e as disciplinas deixam de ser partes fragmentadas para constituírem um todo significativo para os educadores e para a história humana.

Antes de analisar o cinema, sua história e a relação com as outras artes, é importante fazer um rápido retrospecto das outras artes que precederam o cinema, tradicionalmente consideradas seis.

2.1 LITERATURA

A literatura é uma arte e como tal sofre mudanças, pois é acompanhada e influenciada pelo homem durante sua evolução como ser social. Os estudos de história da literatura procuram investigar as transformações pelas quais passou o conceito de criação literária. Esses textos têm em comum com a humanidade a sua evolução, que aconteceu em etapas.

De acordo com Machado (2006), para falar em literatura, deve-se começar da antiguidade com Aristóteles e a Poética; nesse livro descreve-se a literatura como imitação ou representação (*mimésis*) de ações humanas pela linguagem. É como tal que ela se constitui como fábula ou uma história. Essa representação possui como característica acompanhar os recursos estéticos da linguagem escrita de cada época. Os escritos criam imagens em seus textos, lançando mão de recursos que não são comuns na fala do cotidiano, embora esta característica tenha aparecido na literatura, com o Modernismo.

Conforme Eagleton (2003), em seu livro *Teoria da literatura: Uma introdução*, não existe uma “essência” da literatura. Essa transmutação verificada pela crítica é compreensível, à medida que há uma nova cultura, novos escritores e filosofias, surgirão novas tendências literárias, porém não excludentes quanto ao passado e sim incluídas em sua maioria, por isso quando Harold Bloom escreve, em *Gênio*, uma lista dos cem maiores escritores do mundo, está dizendo uma coisa já sabida, mas claro que não se tinha uma visão técnica como a dele, ou seja, a literatura não possui nacionalidade nem época específica.

Sendo assim, é mais importante a produção do texto do que a sua origem ou período literário. Nesse aspecto, também se deve ressaltar que a incessante busca crítica pelo padrão da literatura estabelece seu referencial. Mas é notório que os padrões são vistos pelos escritores como algo já feito; logo, para se fazer algo original deve-se romper com as normas. Quando essas características mudam, a crítica acompanha, pois, a literatura mudou.

O que se entende é que mesmo sem a teoria, é perceptível que Machado de Assis e Fernando Pessoa são grandes escritores de seu tempo, mas então para que tentar entender a teoria da literatura se não há uma essência. Simples, o que é literário não está

apenas em uma obra, por isso passa-se aqui a falar do conjunto do avanço das letras na sociedade e, portanto, Shakespeare precisou que houvesse um Homero antes e Fernando Pessoa precisou que houvesse um Luis Vaz de Camões. Dentro desta sequência vem a obra de João Cabral de Melo Neto, uma vez que essa coletividade faz com que o “valor” humano que certas obras possuem seja atribuído ao eco ou grito de uma sociedade anterior.

Ao fazer essa reflexão, começa-se a perceber a duas ideias fundamentais contidas na literatura: a primeira é que o texto sempre possui uma intertextualidade, fala-se do tecido de que é feito, e desse seguem-se outros; a segunda questão é a de que na passagem do texto literário para o texto fílmico passa-se por um momento chamado roteiro (texto que norteia a produção na hora da filmagem), que se verá mais adiante, disso ter-se-á o subsídio para ver o que aconteceu no processo intertextual. Ou seja, as artes se completam e dialogam entre si, mas mantêm sua originalidade.

A literatura se vincula a esses momentos de inspiração, muitas vezes negando suas próprias convicções, como no caso da Semana de Arte Moderna de 1922; por outro lado, grandes escritores são descobertos ou redescobertos dentro desses períodos, pois se identificam mais em um determinado momento (Machado de Assis, fundador da Academia Brasileira de Letras). Essa identidade é fundamental para a organização desse sistema, do ponto de vista do registro histórico, colocando como sinônimo de determinada época.

O período literário não é definitivo no sentido das características literárias pertinentes àquele momento, ou seja, não é porque o período realista foi encerrado que outros textos também, no futuro, não venham a sofrer as suas influências: filosofia, linguagem, processo descritivo, etc.; bem como o romance que também possuía sua identidade. Portanto, os períodos literários começam e terminam, mas o seu legado artístico também pode ser resgatado, como no caso do heterônimo de Fernando Pessoa, Ricardo Reis, *Odes* (1946) que foi denominado neoclássico, pois resgatou as ideias da antiguidade clássica. Em suma, de acordo com Machado (2006, p. 6), embora seja um dos temas mais importantes da *Poética*, Aristóteles não define a mimesis nesse livro nem em nenhum outro.

Sabe-se que, para ele, a mimesis artística deixa de ser, como era para Platão, a imagem de uma imagem, uma cópia degradada do mundo sensível. A arte imita a

natureza em sua capacidade de produzir, é uma produção autônoma que imita a capacidade produtiva da natureza, sendo, por isso, até mesmo capaz de ir além dela, realizando aquilo de que ela não é capaz. O que significa no mínimo que não se deve pensar a atividade criadora do poeta como uma imitação servil ou uma simples cópia.

Afirma, pois, o autor que a mimesis aristotélica, e por extensão a literatura, não é uma mera reprodução da realidade. A mimesis poética é a imitação ou a representação da ação, a imitação de ações humanas pela linguagem. Tem um objeto humano, pois imita as ações do homem considerando-o como sujeito ou suporte da ação; por isto não diz propriamente respeito à natureza, mas à história considerada como representação da ação humana.

2.2 PINTURA

Neste sentido, a pintura é uma arte que por muito tempo tentou imitar e reproduzir a natureza. Com o tempo, em especial no Impressionismo e no Modernismo em geral a pintura passou a refletir aspectos psicológicos e o interior humano. Assim, um quadro moderno, com formas distorcidas, ou um amontoado como *Guernica*, não pretendem mais imitar a natureza como ela é, mas transmitir a idéia de como estava o interior humano numa época de guerra.

Da mesma forma, as pinturas de Anita Malfatti, *Abapuru* e *Antropofagia* não guardam mais a relação com o desenho que pretende reproduzir a realidade física ou a natureza. São indicativos de que o ser humano saiu de foco e precisa ser retratado de outra forma, como também se depreende de *O Grito* de Edvard Munch (1863-1944).

A pintura tem forma e conteúdo e basta uma comparação na compilação de Barone (2011), para concluir que a pintura está no tempo e acima do tempo. De certa forma ela é fruto do tempo; mas, por outro lado, vai à frente de seu tempo, pois é fruto de gênios. O Futurismo é o mais cabal exemplo de que os pintores querem avançar no tempo e colocar sua visão de futuro, com novas formas e mensagens desafiadoras.

Como resume Barone (2011, p. 31) no Impressionismo existe a

Despreocupação com a forma e peso - contornos indefinidos; preocupação com a luz e a cor; observação da influência da atmosfera nos objetos; Ausência de preto; sombras coloridas por contrastes simultâneos e cores complementares próximas umas das outras e mistura das cores sobre a tela.

É sem dúvida uma oposição ao estilo Renascentista, em que se procurava o belo ideal, a simetria, a ordem, num estilo aristotélico. Havia uma preocupação de reproduzir a realidade, tomando-se modelos perfeitos para copiá-los com fidelidade. A anatomia era reproduzida com perfeição.

Em razão da interdisciplinaridade, como foco deste estudo, é importante salientar que a pintura é extremamente relacionada com as outras artes. O desenho, a pintura, a fotografia, a música, a poesia, a fabulação, tudo está intimamente conectado entre si.

A pintura já estava presente nas cavernas, na arte rupestre; após, veio a escultura, que é uma continuidade do processo de reproduzir a natureza, seja humana, animal, ou inanimada. Os personagens divinos, o além, a metafísica também foram contemplados pela escultura, que talhava na madeira ou na pedra figuras que tinham significados para as pessoas que as executavam ou para as que encomendavam algo que lhes dava prazer ou um sentido para a vida.

2.3 ESCULTURA

Conforme Miranda (1993), as esculturas podem ser criadas pelo engenho e a arte ou pela natureza. Uma árvore, ou uma montanha podem ser consideradas esculturas, embora não tenham sido feitas com tal objetivo. Pensa o autor que a arte só existe quando o ser humano e deifica, ou mesmo quando se aliena ou aliena os outros. Por si os objetos da natureza não têm um significado unívoco. Cada ser humano os interpreta de um modo.

De acordo com Miranda (1993, p. 3)

Resulta estéril, e mesmo fútil, separar o significado da forma. A forma, na escultura, é o significado, não importa a sua intenção ou a sua literatura. O exemplo é já recorrente: se três escultores se propõem a produzir esculturas sobre o tema “mãe” (ou pássaro, ou amizade, não importa qual), os três produzirão peças diferentes, com formas próprias embora o tema seja o mesmo. Qual delas será a melhor? Talvez nunca chegaremos a saber, a determinar – embora os exegetas das artes plásticas, os críticos de arte tenham metodologias próprias para enquadrar tais peças em escolas e estilos. Mas, para o que interessa aqui, independente da validade do objeto produzido, ele só existe enquanto forma única, diferenciada, independente.

E assim é em todos os tempos. As esculturas do Aleijadinho ou de Michel Angelo tiveram um significado para seus autores e para seu tempo. Mas sempre significarão algo para todas as épocas.

Da mesma forma, segundo Miranda (1993, p. 3), a arte é figurativa, quer dizer algo mais do que representa. *As nádegas* de Mário Cravo, junto ao Mercado Modelo em Salvador, na Bahia, são mais que nádegas. Talvez nem quisessem representar nádegas, mas, sendo “volumes simétricos superpostos” podem significar a fantasia libidinosa do homem baiano.

Percebe-se aqui também na escultura, uma integração entre linguagens, onde desenho, forma, pintura, natureza e criação humana se manifestam em diferentes linguagens, não para separar, fragmentar, mas para dar um sentido holístico à história e à cultura humanas.

2.4 ARQUITETURA

Dentro desta linha, a Arquitetura é uma arte que acompanha o ser humano desde o tempo das cavernas, tabas e ocas e dialoga com as demais, como pode ser percebido no texto que segue. A preocupação com a beleza dos espaços habitacionais sempre foram uma preocupação constante, de modo geral quando se tratava de prédios públicos, ou se pessoas que têm condições de mostrar opulência. Mas, mesmo pessoas de vida simples valorizam o espaço arquitetônico, de modo que possam habitar com bom gosto.

Afirma Gropius (apud ROSA, 2005, p. 16) que

[...] Pintura, Escultura e Arquitetura, devem ser consideradas integralmente no projeto de uma obra. E se isto for feito por um só homem, tratar-se-á de uma empresa, se não impossível, muito difícil; por isto, o trabalho de grupo, desde o início da civilização: necessário se torna, pois que os elementos que compõem tal grupo, estejam perfeitamente ligados entre si por perfeita harmonia. O ideal é que um arquiteto conheça tanto de pintura, quando de arquitetura deve conhecer um pintor. Projetar um edifício e depois recorrer a um escultor é errado e prejudicial à unidade arquitetônica. Os fatores artísticos devem trabalhar sincronicamente com o mais completo acordo.

Pode-se acompanhar nos filmes mais conhecidos como: *Inferno na torre*, *Blade Runner: O caçador de Andróides*, *O Corcunda de Notre Dame* e *o Fantasma da Ópera*,

uma importante contribuição imagética, pois dessa forma podemos ver a imponência arquitetônica e também observar como o ambiente influi sobre os personagens, principalmente na película “Inferno na torre” que conta a história de várias pessoas que ficam presas em um edifício em chamas, a carga dramática é bastante forte em função da impossibilidade de fuga.

Semelhantes ideias, conforme Rosa (2005, p. 18), eram defendidas por Le Corbusier, afirmando que as obras deveriam ser realizadas dentro de “condições arquitetônicas”, à semelhança de um canteiro de obras, havendo a participação de arquitetos, escultores e pintores, em comunhão com o público, “[...] abrangendo todas as dimensões, todos os materiais e todos os temas”. Dessa forma “[...] escultores e pintores entrarão na arquitetura e, reciprocamente, os arquitetos se abrirão às riquezas oferecidas pelas pesquisas escultórica e pictórica contemporâneas”, cooperando para a síntese das Artes Maiores.

Vieram aqui, a propósito, três artes em que os próprios artistas pedem a interligação, um diálogo, uma integração entre si e a participação do público. É o momento de se perguntar o que faria a música entre todas estas artes. Certamente está mais ligada à literatura, à poesia e ao teatro, através da palavra, do ritmo e da dança.

Neste sentido, Rino Levi (apud ROSA, 2005, p. 23) afirma que

A arte é uma só. Ela se manifesta de várias maneiras, quer pela pintura, pela escultura, pela música ou pela literatura, como também pela arquitetura. Tais manifestações constituem fenômenos afins, sem diferenças substanciais na parte que realmente caracteriza a arte como manifestação do espírito.

Em vista disso, afirma Levi que não se pode chamar a arquitetura a mãe das artes e nem classificá-la como arte secundária. Todas as artes são complementares e compõem um mesmo conjunto, enriquecendo a vida dos seres humanos, dando-lhes sentido e harmonia e procurando transmiti-las a seus semelhantes.

De acordo com Brasil (1998, p. 20)

Desde o início da história da humanidade, a arte tem se mostrado como uma práxis presente em todas as manifestações culturais. O homem que desenhou um bisão em uma caverna pré-histórica teve de aprender e construir conhecimentos para difundir essa prática. E, da mesma maneira, compartilhar com as outras pessoas o que aprendeu. A aprendizagem e o ensino da arte sempre existiram e se transformaram, ao longo da história, de acordo com normas e valores estabelecidos, em diferentes ambientes culturais.

A interação entre as artes tem sido sempre importante, pois tudo é fruto da mente humana e tende a ser comunicado para os semelhantes e mesmo a se perpetuar através dos tempos. O diálogo entre as artes consolida a interdisciplinaridade e enriquece os participantes do diálogo que podem ser alunos que escrevem, desenham, comunicam-se nas redes sociais, usando a linguagem tradicional ou imagens que compõem uma história ou mensagem.

2.5 MÚSICA

Isso vale também para a música, que tem acompanhado a educação formal e informal dos povos. A escola é um produto cultural, fruto do avanço da civilização, e inicialmente era oferecida a alguns privilegiados apenas. A educação era familiar, nos tempos primitivos e a música era uma das formas preferidas para ser transmitida, pois era agradável e todos a aprendiam, a seu modo.

Conforme Brasil (1998, p. 85), a música é um produto cultural e histórico e adotou vários sistemas musicais ao longo da história e em diferentes grupos e etnias. Sofreu também transformações nas grafias musicais ao longo da história, modificando a linguagem musical, em cada época. Constata-se, nas últimas décadas, profunda transformação no gosto dos jovens, produzindo e ouvindo a música através de novas tecnologias. O ritmo atual é excitante, envolvente, e caracteriza e diferencia os diversos grupos pelas roupas que vestem, pelo comportamento que apresentam, diferenciando-se na preferência pelo rock, tecno, dance, reggae, pagode, rap e uma infinidade de ritmos.

A música, como todas as artes, é um produto de cada época, como salienta Borges (2005, p. 16),

Tal qual a arquitetura e outras formas de expressão pós-modernas que canibalizam todos os estilos do passado e os combinam de forma estimulante, assim também faz a música eletrônica com suas texturas, colagens e *sampleados*. Em um nível coletivo e social, são regidos pela lei inexorável da moda. Desse modo, a música eletrônica faz com que seu apreciador mergulhe em um sem número de sensações superficiais e momentâneas (desprovidos que estão de uma relação de contigüidade com o passado, o presente e o futuro, o que conjuga toda uma sequência histórica; antes o instante tenta, de forma surrealista, apreender em um instante os três momentos). Na música eletrônica ela chega a prescindir das palavras, da harmonia e da melodia em nome da sensação, da relação entre som e corpo.

Apesar de tudo, a linguagem está sempre presente na música, seja em forma de letras, de gestos ou de sensações. A comparação que, acima, o autor faz com a arquitetura dá a dimensão da mudança por que passaram todas as artes no passado e mais ainda o que sucede nos tempos atuais, em que formas, ritmos, linguagens influenciam a arquitetura, a escultura, a música, a poesia, a dança, o teatro e tudo o que é produto da cultura humana.

2.6 TEATRO

Neste contexto, o teatro tem uma longa história, precedeu o cinema e ainda hoje exerce influência sobre ele, embora mantendo sua autonomia. Tem sido valorizado em todos os tempos, desde a Antiguidade, sendo muitas vezes confundido com a Literatura.

Assinala Brasil (1998, p. 88) que “a necessidade de narrar fatos e representar por meio da ação dramática está presente em rituais de diversas culturas e tempos, e provavelmente diz respeito à necessidade humana de recriar a realidade em que vive e de transcender seus limites.”

É importante, no teatro, o exercício do “faz de conta”, travestindo-se em um personagem, incorporando-o, procurando imitar seus trajes, costumes, modo de pensar, atitudes. Para os alunos e mesmo para cidadãos comuns, representar é uma forma de apresentar-se perante a comunidade, desempenhar um papel, perder o medo de expressar-se e de manifestar as próprias ideias; ou seja, é uma forma de exercer a cidadania.

Conforme Brasil (1998, p. 89),

O contato com as formas de representação dramática nos remete a outras e diferentes narrativas. A identificação dos adolescentes e jovens com a narrativa é um ponto crucial para o ensino do teatro, pois se trata de educar a recepção desses modos narrativos, que estão presentes também na publicidade e nas mídias. Ler uma peça de dramaturgia trágica ou um roteiro radiofônico, assistir a uma cena de novela, atentar para uma cena de um filme de suspense ou para uma publicidade cômica, a construção de um personagem, a concepção e detalhes de um cenário, pode vir a ser um exercício interessante. Por exemplo, a leitura de como a história está sendo contada, os ritmos, pontuações, acentuações podem ser um exercício fundamental para a construção de uma atitude crítica diante das formas dramáticas inseridas nos meios de comunicação de massa.

Em outras palavras, o texto acima remete a uma educação interdisciplinar em que as disciplinas estão interligadas, uma colabora com a outra e não existem as separações estanques e a formação fragmentada. Quando se está atuando no teatro, pode-se aprimorar a linguagem, melhorar a comunicação, executar uma música e mesmo criticar a realidade em que é feita a comunicação. Uma das possibilidades do teatro é a aplicação prática da arte de representar e de convencer na publicidade, futura profissão que alguns alunos poderão desempenhar. A preocupação com o mercado de trabalho precisa ser uma constante na formação dos alunos, em especial os de ensino médio.

Dentro do teatro, está também a dança que é uma forma de representar, unindo movimentos, imaginação, poesia, música e o próprio silêncio. A partir das seis artes que se estudou ligeiramente, se está preparado para aprofundar estudos e pesquisas sobre o cinema, arte eminentemente moderna, por englobar todas as outras e ao mesmo tempo ser um atrativo para apresentar conteúdos nas salas de aula, desde a pré-escola ou cursos de doutorado e pós-doutorado.

2.7 CINEMA

O cinema, por ser a sétima das artes, incorporou elementos de todas elas, tornando-se a arte interdisciplinar por excelência, como se verá no decorrer desta pesquisa. Seu início, conforme Mocelin (2009), foi modesto e serviu para o deleite das massas e para o desprazer dos intelectuais que torciam o nariz para o sucesso que a nova invenção estava fazendo entre as pessoas.

Conforme Wikipedia (2012, p. 1)

Cinema (do grego: *κίνημα* - *kinema* "movimento") significa a técnica e a arte de fixar e de reproduzir imagens que suscitam impressão de movimento, tal como significa a indústria que produz estas imagens. As obras cinematográficas (mais conhecidas como *filmes*) são produzidas através da gravação de imagens do mundo com câmeras (câmaras) adequadas, ou pela sua criação utilizando técnicas de animação ou efeitos visuais específicos.

O filme realiza de fato uma ilusão ótica, através da frequência do movimento. Como o olho humano retém a imagem durante fração de segundos forma-se a ilusão do

movimento. Através destas técnicas, pode-se contar histórias, educar, doutrinar, influenciar as pessoas para seu crescimento ou mesmo para dominá-las.

De acordo com Mocelin (2009), o cinema surgiu no final do século XIX, possibilitado por avanços tecnológicos, que causaram a projeção de imagens. Os irmãos Lumière, embora não fossem os inventores do cinema, ficaram com a fama. Outros cientistas já haviam trabalhado na criação e projeção de imagens, mas os Lumière filmaram e exibiram as primeiras cenas em 1895, no Grand Café, em Paris.

Conforme Napolitano (2009), os filmes exibidos pelos irmãos Lumière eram *La Sortie des ouvriers de l'usine Lumière* (A Saída dos operários da fábrica Lumière) e *L'Arrivée d'un train em gare* (Chegada de um Trem à estação), que registravam fatos da vida cotidiana. O trabalho dos Lumière possibilitou às pessoas ver pela primeira vez imagens em movimento. A movimentação das imagens era realizada por obra do cinamatógrafo, dando vida nova à arte, que nunca mais seria a mesma, embora levasse algum tempo a ser considerada “a sétima arte”.

Aos poucos, de acordo com Napolitano (2009), o cinema foi evoluindo; produtores como o francês George Méliès (1861-1938) transformaram o cinema em espetáculo, utilizando já efeitos especiais, contando histórias, indo além do registro realista do cotidiano. O filme *Viagem à Lua*, de 1902, é um exemplo dessa ousadia.

De acordo com Schneider (2008), o filme *Viagem à Lua* foi uma revolução também quanto à duração. Normalmente os filmes daquele tempo eram curtos e breves no sentido literal, não durando mais que dois minutos. *Viagem à Lua* teve a duração de quatorze minutos e inovou em todos os sentidos. Deixou a preocupação exclusiva com a cotidianidade que os outros filmes apresentavam e entrou no imaginário, na ficção científica e até mesmo na semelhança com as viagens que os americanos faziam nas viagens reais à lua, nas décadas de 1970 e 1980. Houve nave, alunissagem, decolagem da lua rumo à terra e descida no planeta Terra utilizando o mar como fator de amaciamento da queda.

Méliès é o pai dos efeitos especiais, fez mais de 500 filmes e construiu o primeiro estúdio cinematográfico da Europa. Foi o primeiro cineasta a usar desenhos de produção e *storyboards* para projetar suas cenas. O filme *A Invenção de Hugo Cabret*, lançado em 2011, é inspirado na história da vida de Méliès.

O cinema virou logo indústria, emprego para atores, produzindo longas metragens, como as de Williamson e Smith, e Pathé e Galmont, visando à arte como entretenimento. Isto na Europa.

Mas, segundo Napolitano (2009), a nação que teve vocação para empreendimentos cinematográficos, a partir do final da década de 1910, foram os Estados Unidos. Com algumas crises, mantiveram a liderança durante o resto do século XX, e, de certa forma ainda mantêm o cetro, em especial na sua academia e na concessão dos OSCAR. Nada no mundo brilha como em Hollywood e todo universo conhece as produções da Paramount, RKO, MGM, Twentieth Century Fox.

A manutenção do cinema em alta é feita mediante divulgação constante de matérias pela imprensa, em jornais, revistas gerais e especializadas e em clubes de cinema. Exemplo disto é o levantamento do British Film Institute (BFI), que, segundo Feix (2012, p. 1) é feito a cada 10 anos, apontando o novo campeão de preferência o filme *Um Corpo que Cai* (1958), de Hitchcock, substituindo *Cidadão Kane* (1941), de Orson Welles que ocupava a primeira posição por seis décadas. Isto prova que “[...] há uma renovação da crítica e dos próprios realizadores”.

De acordo com Feix (2012, p. 1), segue-se lista dos filmes que ocupam as outras oito posições. Importante transcrevê-la, para constatar como a história do cinema é valorizada, uma vez que aparecem até filmes da década de 1920, e nenhum filme pós 1970, o que revela que não se valoriza a moda, mas a qualidade. Os filmes listados na sequência de *Um Corpo que Cai* são: *Cidadão Kane* (1941), *Tokyo Story* (1953), *A Regra do Jogo* (1939), *Aurora* (1927), *2001 – Uma Odisseia no Espaço* (1968), *Rastros de Ódio* (1956), *O Homem da Câmera* (1929), *A Paixão de Joana D’Arc* (1927) e *8½* (1963).

Evidentemente, há descontentes com a lista, pois é retirada de 846 filmes. Zanin (apud FEIX, 2012) pensa que isto é grave, pois o filme *o Encouraçado Potemkin* aparece na 11ª posição, o que sinaliza uma desvalorização do cinema político. Por outro lado, Rizzo, conforme o mesmo autor, afirma que a ascensão de Hitchcock para o topo da lista demonstra que o diretor faz um tipo de “esperanto” do cinema, agradando a muitos, inclusive aos jovens.

Todos os países participaram da história do cinema, apresentando novas maneiras de ver a realidade, sempre no intuito de vê-la por outros ângulos. A Alemanha

também foi importante, mormente com Marlene Dietrich, mas Napolitano (2009) adverte que com a chegada dos nazistas ao poder, houve um direcionamento e censura, obrigando muito diretores a se ausentar do país, em especial os judeus, que foram para os Estados Unidos, reforçando mais ainda a indústria cinematográfica americana.

Já a União Soviética desempenhou papel semelhante, participando da história do cinema com enriquecimentos como a técnica de montagem cinematográfica de Eisenstein e Dovjenco, em filmes importantes, entre os quais *O encouraçado de Potemkin* (1925), *A Mãe* (1926) e *Arsenal* (1929). A instalação do Stalinismo, ali pelos anos de 1930, tudo virou doutrinação partidária, ganhando em quantidade, mas perdendo em qualidade.

Inglaterra, Itália, França deram contribuições importantes ao cinema. Na América Latina, em especial no México e na Argentina, foram feitos filmes expressivos.

O Brasil entrou a seu modo, com grande pretensão, nos anos de 1950, com a empresa Vera Cruz. Embora essa empresa não tenha dado certo, foi nos anos de 1960 que, com o Cinema Novo, o Brasil conseguiu impor-se no cenário internacional, mostrando seu povo e seus cenários.

Cumprе ressaltar que o período da ditadura militar, a partir de 1964, recrudescendo com o AI5, em 1968, foi difícil lidar com o cinema. Tudo o que se produzia no país, em matéria de comunicação e cultura, passava pela Censura e pelo DOPS. A propósito, Jabor (apud PERRONE, 2012, p. 4), participando do festival de Gramado 2012, declarou que seu filme *Toda Nudez Será Castigada* foi premiado naquele Festival foi premiado em 1973, no primeiro festival.

Conforme Jabor (apud PERRONE, 2012, p. 4),

O filme entrou em cartaz e foi um imenso sucesso. Passei um dia pelo cinema Roxy, no Rio, e a fila ia até a praia. Mas, daí teve um general, ou a mulher dele, não lembro, que ficou p. com a história, com o lance do filho homossexual. Aí teve polícia com metralhadora na mão tirando o filme de cartaz nos cinemas. Mas, veja só, nesse meio tempo, o então Instituto Nacional de Cinema envia *Toda Nudez* para o Festival de Berlim e eu ganho o Urso de Prata. Foi aquele escarcéu, eu falando que o filme estava proibido no Brasil, reportagem grande no *Le Monde*. O embaixador do Brasil na França à época, o general Lyra Tavares, viu aquilo e logo em seguida o (*presidente*) Médici mandou liberar o filme.

Assim eram os tempos do regime militar brasileiro. Não havia respeito nenhum pelos direitos dos brasileiros, mas quando as notícias da repressão chegavam aos

ouvidos internacionais, procurava-se logo disfarçar, dando a entender que tudo não passava de um grande mal-entendido.

Jabor (apud PERRONE, 2012, p. 4), ao ser questionado sobre o cinema brasileiro atual, afirma que as novelas, como Avenida Brasil, estão fazendo mais que o cinema. Elas envolvem o espectador, apresentam personagens bem definidos e não apenas tipos e cumprem um papel de analisar o comportamento e a política para entender o Brasil atual, na relação entre a elite e o subúrbio. “O cinema brasileiro precisa se re-pensar, fazer o que se fazia no Cinema Novo, quando se pensava coletivamente num projeto de cinema. Hoje, está meio que cada um por si.”

Jabor, conclui seu depoimento a Perrone (2012), afirmando que não voltaria mais a filmar, a não ser num projeto simples, barato, movido apenas pelo “prazer poético de fazer cinema”.

Nos anos de 1990, houve novo renascimento na tentativa de se firmar a indústria cinematográfica do país, que tem muito a mostrar para o mundo, em especial o jeito brasileiro de lidar com a diferença, na convivência, miscigenação e coloração cada vez maior da pele do povo brasileiro, que é mostrada no cinema, sem medo da mistura de raças que aqui acontece, focando com a mesma luz as peles alvas e as escurecidas pelo caldeamento de raças.

3. O CINEMA, A SÉTIMA ARTE

O cinema foi progredindo, enfrentando, como se viu acima, as vicissitudes dos tempos. Sofreu muitos revezes, em especial nas ditaduras. No próprio Brasil da ditadura militar de 1964, ao cinema foi permitido lidar com as chanchadas e pornochanchadas, pois isto não tanto na ideia de libertação e até podia contribuir para a alienação.

De acordo com Mocelin (2009, p. 28),

Desde 1911, quando o italiano Riccioto publicou o Manifesto das Sete Artes, o cinema é considerado “a sétima arte” – a arte de registrar acontecimentos ou narrar histórias pela representação de imagens. Mais que uma arte, entretanto, o cinema se consolidou no século XX como uma poderosíssima indústria – a primeira indústria de entretenimento de massa.

Todas as artes têm impacto social e econômico. O cinema, como sétima arte, foi praticamente dominado pela indústria americana. Isto, como foi visto acima, tem muito

a ver com o modo que outros países lidaram com o cinema, de modo especial utilizando o cinema como forma de doutrinação e aplicando-lhe censura. Os Estados Unidos utilizaram o cinema de forma comercial, visando ao lucro e o entretenimento, controlando, conforme Mocelin (2009) 75% do mercado mundial do cinema.

De acordo com Mocelin (2009, p. 29), uma série de fatores econômicos explica a supremacia americana no mercado do cinema:

Nos estados Unidos, existem mais de 37.000 salas de cinema e o público norte-americano é ávido consumidor da indústria cinematográfica nacional, representando 44% da bilheteria global, dois fatores que garantem um lucro constante que pode ser convertido em mais filmes; os filmes são lançados com grande aparato publicitário, que muitas vezes é aproveitado nos lançamentos para o mercado externo; orçamentos milionários garantem, superprodução com qualidade técnica e participação de megaestrelas; um sistema de distribuição bem desenvolvido, que constitui na maioria dos países verdadeiros cartéis, garante a exibição dos filmes em grande parte das salas de cinema espalhadas pelo planeta.

Com isto, o cinema passou a fazer parte da indústria cinematográfica, e foi objeto de estudos de filósofos e intelectuais, já na primeira metade do século XX. Exemplo característico é o estudo publicado por Adorno e Horkheimer, da Escola de Frankfurt, em 1947.

Segundo os autores (apud WALACE, 2008, p. 335) grande parte da humanidade é dominada pela sociedade burguesa, consumindo produtos da “Indústria Cultural”. Usam essa terminologia para substituir o termo “cultura de massa”, que na realidade significa consumo, satisfazendo os interesses dos veículos de comunicação de massa, passando a ideia que se trata de “cultura surgida espontaneamente das massas”. Afirmam os pensadores que o objetivo é ter consumidores para os produtos da indústria cultural, adaptados para o consumo das massas. Ou seja, os consumidores dos produtos culturais acabam por ser manipulados pelas lideranças desse processo.

Conforme Adorno e Horkheimer (apud WALACE, 2008, p. 335), a indústria cultural, desta forma, “[...] impede a formação de indivíduos autônomos e conscientes, capazes de decidir por conta própria os seus desejos e as suas vontades.” Ou seja, tudo acaba moldado pelas diretrizes culturais capitalistas, “[...] e a diversão torna-se uma extensão do trabalho, envolvendo relações de dinheiro, de interesse e de disputa.” Com isto, a consciência das massas fica dominada e a mecanização domina o homem, tudo virando um comércio. Incluem, na indústria de massas, o cinema, “[...] que suscita o

desejo e sugere, através das suas imagens, um mundo irreal a ser cobiçado pelos indivíduos.” Os filósofos criticam a comercialização da imagem, pois o cinema acaba por servir os interesses econômicos do mercado, como atestam os últimos filmes de Van Damme que foram direto para as locadoras, sem irem para as salas de cinema; é a arte que mais se aproxima das massas. No entanto, ressalte-se que o cinema não deixa de ser arte, mesmo sendo um grande negócio.

É bem verdade que isto tem certo fundamento, tudo o que é humano e mesmo divino, como se pode perceber nas igrejas e religiões, não consegue se livrar de valores econômicos, mas que não queira ou tente evitar. A economia faz parte da materialidade humana que precisa de matéria para se manter viva.

Por esta razão, existe sim uma indústria cultural em torno da arte, dos livros, do cinema, escultura, dança, seja o que for. Mas é possível manter-se o valor artístico de um livro, mesmo que ele seja comercializado. Assim, os filmes também têm um valor artístico, a possibilidade de reconstituir uma época, uma paisagem, um acontecimento. Por isto pode ser utilizado na educação e mesmo para criticar a sociedade de consumo capitalista.

Quanto a isto, Mocellin (2009) pensa que aí vem a função da escola. Além de Adorno e Horkheimer, Gramsci foi grande crítico da ideologia e escreveu na prisão sobre a manipulação cultural. Evidentemente, que para isto existe a escola, tendo os professores conscientes e função de abrir os olhos dos alunos para que assistam aos filmes com visão crítica. Não se pode deixar de lado o filme *Trezentos de Esparta* só porque tem uma mensagem ideológica sub-reptícia, ou porque não se concorda com a utilização dos quadrinhos.

Os filmes históricos trazem aspectos da condição humana importantes, mas precisam ser aprofundados e criticados. É preciso trabalhar os filmes com os alunos, muni-los dos conhecimentos necessários para entender como o povo pode ser manipulado, seja pelo estado ou pelos poderosos meios de comunicação. Assim os alunos são empoderados para combater a manipulação, a ideologia, trabalhando na contraideologia, mudando assim a cultura, as estruturas sociais e as relações socioculturais.

A propósito, Mocellin (2009) faz minuciosa análise de *Os 300 de Esparta*, assinalando vários estereótipos e ainda erros históricos. Destaca ainda a visão

ideológica favorecendo os Estados Unidos, mormente a mentalidade George Bush, no caso da invasão do Iraque. Propõe uma divisão muito em moda hoje, e já no passado de considerar o Ocidente tudo do bem, das coisas boas e o Oriente como símbolo da fraqueza, da maldade, de feiura.

Contrapõe ainda o autor que Esparta não era tão democrata e libertária, como o filme e os discursos de Leônidas sugere, pois era formada grande parte por escravos. Suas mulheres tinham certa liberdade, iam ao ginásio para fazer ginástica, com o objetivo de gerar soldados, mas aos sete anos entregavam seus filhos para o estado e, portanto eram subservientes, encontravam-se eventualmente com os maridos e não participavam de assembleias e decisões.

Ainda, apesar do heroísmo dos *300*, os persas passaram o desfiladeiro e fizeram estragos na Grécia. A resposta grega veio mais tarde, na batalha de Salamina, com destaque para os atenienses, baseados no poder marítimo e usando a inteligência, mais do que a força bruta. Mas o filme tinha que render dinheiro – 28 milhões só no primeiro dia - e por isto valeu-se de efeitos especiais, embelezamento dos espartanos, mostrados lutando de peito aberto, quando na verdade também utilizavam armaduras e muitas mentiras, incluindo até racismo, ofensas a homossexuais, velhos e tantas inverdades que precisaria um livro para analisá-las todas. Desde que a versão de Heródoto era pró-gregos e, portanto, colocava os persas na linha dos árabes, como são vistos pela opinião pública americana, em especial após o 11/09/2001.

Não por acaso, como destaca Mocellin (2009, p. 9), num primeiro momento a elite intelectualizada desprezou o cinema, considerando-o “uma simples inovação técnica”. Os soviéticos, partidários da Revolução Russa (1917), em especial Trotsky, aproveitaram o gosto das massas populares pela nova arte e considerando-a “um contraponto para os atrativos do álcool e da religião. Com isto, iniciaram um projeto de educação das massas, ou melhor, doutrinação, apregoando as vantagens do comunismo em relação ao sistema de governo que explorava e alienava a população russa, no entender dos revolucionários.

Vê-se logo que o cinema, a imagem, a possibilidade de documentar fatos, contar histórias, convencer pessoas poderiam ser utilizados por quem tivesse noções de mídias e fizesse questão de explicar ideias, teorias, doutrinas, conhecimentos e, no caso das escolas, abria-se uma grande possibilidade de melhorar sua didática, o que demorou

muito a ser feito e ainda é pouco ou mal explorado, como se verá no decorrer da presente pesquisa.

Neste sentido, de acordo com Mocellin (2009, p. 10), Alexandre Medveknine, também russo, imaginou com seus colegas bolcheviques e vanguarda intelectual russa que a revolução deveria acontecer também nas artes. Ali estava o cinema, como uma nova arte, a serviço da revolução e da educação do povo. O intelectual foi mais autêntico e com seu trem cinema levou a arte e o conhecimento para o interior do enorme país. Retratava a vida dos operários e camponeses russos e com eles elaborava os filmes. Com este processo conseguiu efetivamente politizar o povo, pois os fazia co-criadores, cultores dos filmes, criadores. Isto realmente educava o povo ao invés de transformá-lo em simples consumidor de ideologia, ao ser manipulado por políticos que queriam impor uma ideologia à força, sem a participação da população que a tudo assistia passivamente.

A ideia de que o cinema foi pouco utilizado na escola, é compartilhada por Napolitano (2009, p.14), quando afirma que

O cinema pode ser considerado como uma “nova” linguagem centenária, pois apesar de haver completado cem anos em 1995 a escola o descobriu tardiamente. O que não significa que o cinema não foi pensado, desde os seus primórdios, como elemento educativo, sobretudo em relação às massas trabalhadoras.

Nota-se aqui a dificuldade que a escola tem de mudar, de adotar novas posturas, novas idéias, mudar o seu modo de ensinar. Por isto, a escola tem sido chamada de tradicional, em razão de ser uma transmissora de conhecimentos, como era a sociedade primitiva em que cada geração passava seus conhecimentos à geração seguinte.

Evidentemente que houve casos isolados de aproveitamento do cinema na educação, como ressalta Mocelin (2009), quando cita Abel Gwncce (1889-1981) que já na década de 1920 produziu filmes históricos, voltados para o ensino de História, como *Napoléon* (1927).

Atualmente, a arte está presente no mundo em todos os sentidos. Há uma rede de informação, como se pode observar com a disseminação da mídia televisiva ao redor do mundo; haja vista os números com relação à copa do mundo e às olimpíadas. Isso demonstra o grau de importância não só desses eventos, mas também a influência na continuação das transmissões desses eventos.

Falando de cultura, pode-se observar o sucesso do programa da irmã Wendy, uma freira que viaja pela Europa mostrando as obras de arte nos mais diversos museus e galerias; através disso, compreende-se melhor o mundo artístico, vendo a arte de uma forma nunca percebida pelos públicos de todas as classes.

No quesito música, cabe notar que nos primeiros momentos o cinema era mudo; com a introdução do som, a música passou a fazer parte integrante das sessões em que eram apresentados os filmes, através de um pianista que com uma partitura específica colocava então a primeira arte junto com a película.

Já a literatura levou um tempo para se conectar com o cinema, mas no momento em que isso aconteceu o casamento foi perfeito. Hoje no Brasil nenhum filme ganha incentivos governamentais sem que haja um roteiro, ou seja, a parte escrita, necessária para que o filme seja feito.

O teatro também ficou para depois já que o cinema era mudo e não se podia ver plenamente a atuação dos artistas que faziam suas interpretações gestuais, sendo que as peças teatrais eram faladas. No filme “O Artista”, (Direção de Michel Hazanavicius, Produção França, Bélgica/ 2011, com Jean Dujardin e Berenice Béjo) vê-se essa transição na face da mocinha do cinema falado e na decadência do herói do cinema mudo.

Conforme Barcinski (2012), o Artista aborda um dos períodos mais interessantes do cinema, a transição entre o filme mudo e o sonoro, marcando os anos 20. O cinema sonoro fez uma revolução salvando Hollywood da falência, mas perturbou a carreira de vários artistas famosos, por não se adaptarem cinema sonoro entre eles Douglas Fairbanks, Lilian Gish e Mary. Até os sotaques estrangeiros prejudicaram a polonesa Pola Negri e o alemão Emil Janningse muitos outros. Charles Chaplin penou, por cinco anos não filmou. Chaplin entendia que o charme de Carlitos acabaria se ele falasse, e aposentou o personagem.

De qualquer forma, afirma Barcinski (2012), o cinema sonoro salvou Hollywood, aumentando o número de ingressos vendidos no país e o lucro dos estúdios. Mas, com a introdução do som foi, houve um retrocesso técnico e estilístico do cinema, pois, no fim dos anos 20, os grandes diretores haviam lapidado suas técnicas de filmagem, com movimentos de câmera cada vez mais criativos e montagem cada vez mais ousada. Com a introdução do som chegou ao cinema, aconteceu uma mudança

brusca. As câmeras foram “blindadas” em caixas à prova de som, para câmeras não produzirem ruído nos microfones, limitando os movimentos das câmeras. Houve e necessidade de reciclagem ante a nova técnica, resultando que os primeiros filmes sonoros perderam em qualidade na comparação com os grandes filmes mudos.

King Vidor (1894-1982), de acordo com Barcinski (2012) manifestou-se a favor do progresso, mas lembra que, nos fim dos anos 20, acreditava-se ter atingido uma forma artística que era única, sendo as técnicas do cinema mudo universais. Chaplin era o homem mais famoso do mundo. Necessitou-se de dez ou quinze anos para voltar ao estágio em que o cinema estava.

A dança logo apareceu com os grandes musicais de John Travolta e vem ganhando espaço ano após ano depois dos “Embalos de Sábado a Noite”, vieram Chicago, Nine, Burlesque, etc. A novidade aqui é que o cinema traz o recurso dos melhores ângulos e aproxima o espectador do palco; na onda dos musicais surge Glee.

Mas em que ponto todas essas conexões contribuem para a educação, em que momento a interdisciplinaridade traz uma nova visão sobre as artes transformando-se no cinema, e que mais pode se esperar disso o cinema digital sem atores nem cenários ou o cinema em terceira dimensão dando a oportunidade de se conhecer melhor as esculturas.

Alguns filmes trabalham uma determinada arte com mais ênfase do que outros. Na ligação do teatro com o cinema fica evidente o trabalho de Nicole Kidman quando atua em “Dogville”, que utiliza um cenário semelhante a um teatro no qual tudo fica em segundo plano, percebendo-se apenas a atuação de todos, pois o espectador não se perde ou distrai em cenários mirabolantes. O mesmo acontece com o desenho animado “Fantasia” de Walt Disney, no qual há apenas a arte do desenho animado, acompanhado de música, deixando de lado a interpretação. Ambos são filmes, mas se ocupam das artes de uma forma completamente diferente.

O cinema é uma arte independente que tem uma história e seus mestres suas particularidades, portanto identidade, mas como aglutinador cultural absorveu algumas características das outras artes, assim como pode acontecer o inverso, o que não é nosso foco no momento.

Quando os primeiros filmes foram exibidos, muitas pessoas não tinham consciência da sua importância nem da ideia de chamá-lo arte. Esta afirmação baseia-se no fato de que, apesar de terem inventado o cinema, os irmãos Lumiere não perceberam

o potencial que tinham nas mãos. Neste momento, entrou em cena Georges Méliès, que “pode ser considerado o criador do cinema espetáculo lançando as bases da expressão artística do cinema” (NAPOLITANO, 2009, p. 69).

Seguindo um paralelo entre as artes e o cinema, percebe-se que são as escolas cinematográficas clássicas que seguem os mesmos nomes das artes como, por exemplo: naturalismo, neorrealismo, expressionismo e surrealismo. Isto registra a interdisciplinaridade e a vinculação com o tempo em que as várias artes se manifestam. Na comunicação, tudo gira num mesmo sentido, sem o objetivo de cada arte ser individual e estanque.

O cinema também pode ser considerado uma ferramenta das outras artes, para compreender e disseminar uma ideia que pode levar mais pessoas a entender aquela arte, como é o caso do filme “Amadeus” (1984) de Milos Forman que trata da vida do músico e compositor Wolfgang Amadeus Mozart.

Deixa-se claro que o cinema se desenvolve mediante a incorporação das artes que contribuíram significativamente para o avanço e a disseminação da nova arte como original e também, vice-versa, consolidando o mundo das artes na cultura contemporânea como exposição dos sentimentos humanos.

3.1 A UTILIZAÇÃO DO CINEMA EM SALA DE AULA

O professor tem vários desafios quando se trata de utilizar as mídias em sala de aula. A primeira preocupação é com o planejamento; as técnicas e os materiais utilizados devem estar dentro dos objetivos curriculares propostos para aquela série, aquele ano, aquela turma, naquela disciplina.

Mas a preocupação não deve ser limitadora e sim alargadora de oportunidades e enriquecedora da disciplina. Professor que se preocupa demasiadamente com vencer o conteúdo e ministrar uma disciplina isolada dos outros conteúdos na escola, como se viu acima, não está dentro de uma educação interdisciplinar que se deseja na pedagogia moderna.

O cinema cabe na escola por uma série de razões. Mas, evidentemente, os filmes deverão ser escolhidos de maneira que alargue os horizontes, sem dispensar a atenção. O cinema entra na complementação da educação e só excepcionalmente o puro cinema

poderá ser uma educação completa, como o demonstra o livro de Gilmour (2007), em que o pai dispensa o filho, que não gostava da escola tradicional de forma nenhuma, para assistir, comentar e analisar três filmes por semana.

Com certeza, do livro de Gilmour (2007) pode-se depreender que se a escola utilizasse mais tecnologia, aproveitando ao máximo o que os filmes poderiam dar, Jesse, o filho de Gilmour, talvez tivesse conseguido se manter na escola regular, enriquecendo sua cultura com os filmes que assistia na escola, complementando com os que assistia com o pai em casa, realizando uma análise dos filmes em família.

De qualquer forma, não se pode, a não ser num caso excepcional como o do livro de Gilmour (2007), aconselhar os alunos a deixar a escola. É claro que no caso de Jesse já estava no ensino médio e então já poderia pensar em alguma alternativa à escola. O cinema, a compreensão dos filmes, a crítica de cinema, o ser ator, ou diretor são profissões que se pode exercer mesmo sem muita escolarização no sentido tradicional, pois que são dons, competências especiais que nem todas as pessoas têm.

Para trabalhar os filmes com proveito, é importante o professor ater-se à didática proposta por Napolitano (2009). São orientações simples, sem sofisticação, e partem de uma realidade concreta.

A orientação de Napolitano (2009, p. 79), é no sentido de inserir o filme na disciplina, aconselhando a “[...] inserir o filme dentro do planejamento geral do seu curso, articulando-o com os conteúdos e conceitos trabalhados, bem como as habilidades e competências desejadas.” É o paradigma do ensino tradicional, agregando valores na direção da disciplina. Mas isto não significa que um filme fique apenas dentro de um conteúdo disciplinar, pois ele pode ensinar uma língua estrangeira, música, desenho, dança, história, geografia, mesmo que o objetivo seja apenas valorizar a poética, como no caso de “Sociedade dos Poetas Mortos”.

Napolitano (2009) ainda insiste que os filmes sejam articulados com o conteúdo e a disciplina. Ou seja, o professor não pode levar os filmes para a sala de aula simplesmente para preencher o tempo ou para recrear seus alunos. O mínimo que se espera é que o professor assista os filmes, programe no início do ano os filmes a que vai assistir com seus alunos, sempre numa perspectiva de conjunto, programa do ano, combinando com a complementaridade dos filmes.

Para um bom aproveitamento do cinema na educação e mais especificamente na sala de aula, Kanashiro (2006, p. 147), fornece excelente iniciação. Começa pela história do cinema, rememorando que em 28 de dezembro de 1895, no Grand Café em Paris, o povo assistiu entre maravilhado e apavorado a exibição do primeiro filme dos irmãos Lumière, apresentando a cena de um trem entrando na estação, ameaçando, ilusoriamente sair da tela e avançar para a platéia. Era o cinematógrafo inventando o cinema.

A partir desta história básica, a autora convida os alunos e professores a conhecerem essa maravilha que se tornou uma indústria mundial, movimentando bilhões de dólares, divertindo, instruindo e dando emprego a milhares de pessoas no mundo inteiro. Atribui a Mièles a criação dos efeitos especiais, já no cinema nascente e que seria fundamental para filmes de ficção científica e de terror.

Seguiu-se o cinema mudo, como em *Metrópolis* de Fritz Lang, que realizou o primeiro filme de ficção científica. Ainda conforme Kanashiro (2006), foi por acaso que a câmera de Mièles trancou e acabou inventando a trucagem, melhorando a linguagem cinematográfica. Por incrível que pareça, o cinema mudo exigia muito dos atores e foram feitos trabalhos fabulosos, como em *Caixa de Pandora*, com Louise Brooks. No momento que entrou a fala, muitos artistas sentiram-se prejudicados, pois sua linguagem era outra e não conseguiram se adaptar àquela mudança.

Charles Chaplin, segundo a autora, foi um grande realizador do cinema mudo. O adorável vagabundo Carlitos fez filmes impagáveis. Fez a sátira da revolução industrial ao mostrar em “*Tempos Modernos*” os movimentos mecanizados do apertador de parafusos. A crítica social foi mais dura ainda em *O Grande Ditador*, satirizando o ditador Hitler.

Kanashiro (2006, p. 148) segue analisando Walt Disney, *O Novo Cinema Brasileiro*, com destaque para Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues e Joaquim Pedro de Andrade, entre outros. Passa por Hollywood, com seus grandes musicais, nos anos de 1940 a 1960. Por sua vez, o Brasil teve a *Atlântida* e *A Vera Cruz*, estúdios que produziram sucessos e mitos. Destaquem-se ali Mazzaropi e as chanchadas. Segue mostrando os sucessos do cinema na Europa, com o expressionismo alemão, o neo-realismo italiano e a *Nouvelle Vogue* francesa.

Importante ainda a investida de Kanashiro no sentido de instrumentalizar o professor e o aluno com terminologia cinematográfica. Para isto explica as possibilidades das posições da câmera, resultando em altura normal; *plongée*, que faz um “mergulho”, de cima para baixo e o *contra-plongée*, de baixo para cima.

A autora segue na instrução cinematográfica descrevendo o que é plano geral, plano de conjunto, plano médio, plano americano, plano de detalhe, primeiro plano e primeiríssimo plano, partindo da mostra do conjunto e chegando a apenas o rosto de um personagem.

Kanashiro (2006, p. 149) encerra sua lição de cinema ilustrando alguns movimentos da câmera: panorâmica, quando a câmera se move sobre seu próprio eixo, para a direita e para a esquerda, para cima e para baixo, procurando uma visão ampla; o *Travelling* desloca a câmera na vertical ou horizontal e o *zoom*, movimento da lente que aproxima e afasta objetos, até atingir um Close, aproximando ao máximo pessoas e objetos.

É oportuníssimo o trabalho de Kanashiro e da Editora Moderna em seu Projeto Araribá (2006), colocando ao alcance de alunos da sétima série do ensino fundamental conhecimentos, técnicas e a história do cinema. Cinema e Literatura são interdisciplinares e complementares. Para isto é indispensável estudar o cinema e aproveitá-lo para todas as disciplinas que têm o que aprender com a sétima arte.

Na realidade, já não se está debutando em educação através da mídia. Pode-se afirmar com segurança que a mídia entrou fortemente na educação a partir do início dos anos de 1990, podendo-se considerar a atual década como terceira década mediática, utilizando várias gerações de mídia, evoluindo a partir de 2004 para a Web 2.0, que não é mais do que a extensão da rede, oportunizando a todos os que queiram participar a sociedade do conhecimento a possibilidade de receberem informações e formação e mesmo de contribuírem para esse processo.

De acordo com Bandeira (2010, p. 30), já há programas que ajudam os professores a trabalhar com mídias e a obterem melhores resultados na educação. Cita o exemplo do Mídias na Educação, que é um programa de educação a distância, voltado para os professores, que proporciona formação continuada para o uso pedagógico de várias tecnologias, como vídeo, TV, Informática, rádio e impresso.

Por sua vez, Almeida (2011), apresenta ampla relação de material em vídeos e outras mídias que podem ser utilizados em sala de aula. Há uma verdadeira cruzada pelo conhecimento, passando pela inteligência coletiva, educomunicação e mídias na educação. O conhecimento pode ser construído em conjunto, cada um participando do modo que pode, como é o exemplo mais típico da Wikipédia. Aliás, o conhecimento sempre foi construído de forma coletiva; apenas a divulgação era feita de lentamente. Passou de pai para filho, dentro de um ambiente familiar e restrito que seria socializado a muitas custas, num tempo de longa duração. Atualmente o conhecimento é produzido, adquirido, apropriado e comunicado para o universo em poucos instantes. São as possibilidades abertas pela cibercultura e pela utilização da Web 2.0.

Almeida (2011) oferece lista e endereços de temas que podem ser utilizados em sala da aula, ampliando os limites do conhecimento. Há subsídios para Rádio e Mídias na Educação; TV/Vídeo e Mídias na Educação; Materiais Impressos e Mídias na Educação; Artes e Mídias na Educação; Prática pedagógica e Educomunicação; Inteligência coletiva, Educomunicação e Mídias na Educação; Cidadania, Políticas Públicas e Mídias na Educação; Ética e Mídias na Educação; Memória e Mídias na Educação; Educação Inclusiva, Multiculturalismo e Mídias na Educação.

A bibliografia é ampla e pode ser encontrada, desde o livro convencional até a mídia impressa. O tema está em debate. Nada está proibido. O importante é utilizar as armas disponíveis, cada vez em maior quantidade.

O importante é que os estudos e avanços sejam interligados, de modo que não se faça de cada disciplina do ensino médio uma especialidade que nada tenha a ver com as outras. A interdisciplinaridade permite que se utilize o cinema em sala de aula de modo a tornar os conteúdos interessantes e ao mesmo tempo ligar as disciplinas entre si, visando à formação intelectual, ética e cidadã dos estudantes.

3.2 INTERDISCIPLINARIDADE

Entende-se aqui a interdisciplinaridade como

[...] uma articulação possível de diversos campos de conhecimento, a partir de eixos conceituais. Uma metodologia importante de trabalho didático é a que se dá através de conceitos, como tempo, espaço, dinâmica das transformações sociais, a consciência da complexidade humana e da ética nas relações, a importância da preservação ambiental, o conhecimento básico das condições para o exercício pleno da cidadania. A articulação do currículo a

partir de conceitos-chave, sem dúvida, dá uma organicidade ao planejamento curricular. (FUNDAÇÃO DARCI RIBEIRO, 2010, p.1)

Articulação no conhecimento é a ideia básica deste trabalho de pesquisa. Fundamentalmente deseja-se, através da escola e da cultura humana, formar cidadãos que sejam solidários entre si, preocupados com deixar um mundo melhor para seus descendentes. A complexidade da vida e da história humana, o ser humano visto dentro da totalidade do universo é o objetivo essencial da educação. O ensino, preocupado apenas com a especialização e a competição entre as pessoas, não faz sentido na busca por uma educação focada na ética, na cidadania e na totalidade.

É a interdisciplinaridade, o convite para o trabalho em equipe solicitado por várias especialidades que compreenderam há muito tempo, antes mesmo de Morin, que as artes, a vida, o ser humano não são compostos de partes justapostas, mas são uma totalidade. O próprio motor de um automóvel não funciona com as partes separadas, mas harmonicamente conectadas em um todo.

Neste sentido, foi realizada a presente pesquisa bibliográfica sobre como o professor contemporâneo que pode, diante de uma perspectiva cinematográfica, promover a interdisciplinaridade de todas as artes dentro do ambiente escolar fazendo que o aprendizado ganhe qualidade, interesse por parte de aluno, verificando as possibilidades de entendimento dessa inclusão na sala de aula.

4. ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO

A música, a dança, o teatro, a pintura e a literatura são artes consagradas que vêm se desenvolvendo há centenas de anos e buscam a transmissão dos sentimentos humanos a quem se dispuser entendê-los.

Na escola, esse trabalho acontece principalmente na disciplina de artes, porém, há alguns anos, com a evolução cinematográfica e sua expansão pelos mais longínquos cantos do mundo, pode-se perceber que, além de levar a própria cultura, recebe-se também a cultura dos outros países.

O método de ensino comum das artes passa a ficar cada vez mais sofisticado, levando o homem a compreender melhor as produções artísticas, o que possibilita pensar na necessidade de unir esforços para que os professores trabalhem as disciplinas

em conjunto, sem que cada um se feche na sua especialidade, compartimentando o conhecimento.

Muito se tem falado sobre interdisciplinaridade na educação, reunindo o que antes era fragmentado. Concebe-se o cinema como uma arte potente que mostra a imagem em movimento, capaz de aglutinar a função das outras artes em si mesmo.

A educação foi dos primeiros recursos que os seres humanos se socorreram, no momento em que o cérebro humano evoluiu e começou a melhorar os sinais de inteligência. A partir dali, cada melhora que era introduzida na relação do homem com a natureza passou a receber o nome de tecnologia, fruto do homo faber e as crianças eram treinadas - palavra que pode ter um sentido pejorativo - para executar tarefas que seriam benéficas para todo o grupo. Na verdade, elas recebiam educação, tanto no sentido de manter os conhecimentos adquiridos pelas gerações anteriores, como para produzir e conservar alimentos, necessários para a sobrevivência do grupo.

Com o tempo, surgiram cidades e escolas, que lidavam com o conhecimento, quase sempre mantendo um sentido de informar e memorizar. Houve, sem dúvida, épocas áureas na educação, em especial entre os hebreus e outros povos antigos, como também na Grécia, Roma, para citar apenas alguns exemplos. No entanto, foram raras as experiências educacionais que privilegiaram a aquisição do espírito crítico e o desenvolvimento da autonomia do discípulo. Como se falou acima, o exercício da memória e a informação prevaleceram.

Como destaca Dias (2009, p. 3), ainda na atualidade, na escola,

O trabalho é estruturado dentro de uma visão mecanicista, coerente com as concepções de mundo desde o tempo de Galileu (1564-1642), passando por Kepler (1571-1630) com uma visão determinista – mecânica celeste, por Newton (1642 –1727) com uma visão experimental. Todas estas visões de mundo são geradoras de processos de conhecer fragmentado, que, chega ao seu apogeu, do ponto de vista epistemológico, com o "Discours sur le Méthode" de (Descartes 1596-1650). Também o início da história da Administração percorre o mesmo caminho, Taylor é o nosso grande mecanicista, analisa as organizações tomando-as como máquinas, compostas de partes que se interligam, com papéis claramente diferenciados e definidos.

Existe, com certeza, a necessidade de uma ligação entre as disciplinas ou interdisciplinaridade. Vive-se um momento de alta tecnologia, que já está presente em

muitas escolas, mas é preciso ter-se a consciência que a aplicação da tecnologia deve estimular a relação entre as disciplinas, os professores, de modo que o ensino não continue fragmentado e compartimentado. Neste caso, não se estaria evoluindo, mas apenas estagnados na educação tradicional, utilizando para isto técnicas modernas, repetindo, no entanto, o mesmo método.

A própria utilização de tecnologias no ensino é uma raridade, tanto que se dão prêmios aos professores que fazem alguma experimentação criativa. Dentro deste contexto, Coelho (2012, p. 38) destaca Educador de Campo Bom, Jorge César Barboza Coelho, que foi um dos vencedores de premiação nacional sobre ideias inovadoras em sala de aula. O professor foi um dos 10 ganhadores da 15ª edição do Prêmio Victor Civita.

O trabalho do professor visa a estimular o estudo de língua portuguesa, em sua escrita, expressão e argumentação. Conforme Coelho (2012, p. 38), “buscando novas formas de desenvolver nos alunos o gosto pela escrita, e a capacidade de argumentação e de expressão oral, o professor iniciou na escola a CBB Web TV. O canal online reúne reportagens produzidas por uma equipe de estudantes.”

Nos trabalhos apresentados, foram feitas coberturas esportivas, textos falando de situações do cotidiano da escola e da cidade. Discutem-se os textos no grupo, produz-se um texto, captam-se as imagens e edita-se a reportagem. O material vai para a web TV, e para as redes sociais, onde pode ser acessado por milhares de estudantes.

Como isso é recente o Educador Jorge César Barboza Coelho, tinha receio “[...] se essa autonomia que é dada aos alunos seria bem vista pelos jurados. É uma questão de ensinar a responsabilidade de cada um nesse processo.”

Iniciativas como esta revelam a importância de inovar em todos os sentidos, na educação, em especial na tecnologia. Ao mesmo tempo, mostra que utilizar tecnologia é uma raridade e não o cotidiano na sala de aula, como deveria ser. A iniciativa da escola de Campo Bom, em seu terceiro ano de existência, já recebeu prêmio também da Microsoft Educadores Inovadores 2011.

O importante é que estes trabalhos busquem de fato a totalidade, a interdisciplinaridade e mesmo a transdisciplinaridade, quando o ensinar e o aprender não são mais atividades estanques, limitadas a campos, disciplinas, conteúdos pré-determinados, mas uma aventura na busca do conhecimento, onde quer que se encontre.

Em vista disto, Petraglia (1995, p. 40), estudando a obra e o pensamento de Morin, afirma que “a complexidade, cerne do pensamento de Morin, traz no bojo a tarefa de ligar tudo que está disjunto.” Esta é a essência da metodologia que busca novo modo de ensinar e de aprender. Não mais decorando conteúdos aleatórios, fragmentados, desagregados, que nada têm entre si. O aprender tem tudo a ver com a totalidade, a crítica do que é apresentado como verdade dogmática, para ser apreendida em sua originalidade.

Para resolver o problema do saber fragmentado, compartilhado, recomenda-se a interdisciplinaridade e o holismo. A interdisciplinaridade consiste na comunicação que as disciplinas e os conhecimentos têm entre si. O holismo foi definido pelo Dicionário Houaiss (2000, p. 1545) como “abordagem na área das ciências humanas e naturais, que prioriza o entendimento integral dos fenômenos, em oposição do pensamento analítico em que seus componentes são tomados isoladamente”.

Cabe observar que Morin quer ir além disso, pois afirma (apud PETRAGLIA, 1995, p. 74) que “a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas como a ONU controla as nações, cada disciplina pretende primeiro fazer reconhecer a sua soberania territorial, e, à custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de desmoronarem.” Ou seja, o autor não está condenando por si a interdisciplinaridade, mas recusando-se a aceitar uma simulação em que as disciplinas fazem de conta que dialogam, mas mantêm a independência e a concorrência entre si, ao invés de se complementarem.

Por esta razão, Morin (apud PETRAGLIA, 1995, p. 74) recomenda a transdisciplinaridade, que seria a queda de barreiras, fazendo com que os campos de conhecimentos estejam ligados entre si, não fechados em especializações, mas pondo o saber em comum. Ou como afirma a autora “na prática transdisciplinar proposta por Morin não há espaço para conceitos fechados e pensamentos estanques, enclausurados em gavetas disciplinares, mas há obrigatoriamente a busca de todas as relações que possam existir entre todo o conhecimento.”

De acordo com Petraglia (1995), Morin contesta o próprio holismo, por este não contemplar as partes, com a mesma dignidade do todo. O holismo preocupa-se com o todo, o que é louvável, pois há pedagogias e filosofias e mesmo métodos científicos que permanecem nas partes, no indivíduo, na fragmentação. Morin é holista, desde que se

valorizem as partes em sua integralidade, fazendo parte do todo, mesmo sendo primeiro partes.

Conforme Morin (1997, apud PETRAGLIA, 1995, p. 52),

A concepção que aqui surge situa-nos imediatamente para lá do reducionismo e do “holismo”, apelando para um princípio de inteligibilidade que integra a parte de verdade incluída num e noutra: não deve haver aniquilamento do todo pelas partes nem das partes pelo todo. Importa, portanto, esclarecer as relações entre as partes e o todo, onde cada termo remete para o outro: ‘Considero impossível conhecer as partes sem conhecer as partes em particular’, dizia Pascal. No século XX, as idéias reducionistas e ‘holistas’ ainda não se elevam até ao nível duma formação dessa ordem.

Na verdade, Morin não se conforma com pequenas mudanças, de forma que tudo continue como estava. Quer aprofundar as mudanças, para que o conhecimento seja produzido de forma efetiva e renovadora. Maquiagens que continuam uma maneira simplista de fazer didática, filosofia, conhecimento, ciência, não condizem com o pensamento complexo, inovador, totalizante, sem menosprezar o valor das partes e dos indivíduos, não obtêm a aprovação de Morin.

Por esta razão, se a intenção é melhorar a educação, devem-se utilizar todos os recursos para atingir o objetivo. A tecnologia é certamente uma auxiliar de monta, desde que bem utilizada, não sendo manipuladora, apresentando a história ou outras disciplinas de forma parcial, fragmentada ou de forma mentirosa, favorecendo povos, ideologias ou religiões. O respeito pelas culturas e diferenças é o fundamental numa educação que se pretenda integradora de valores.

Na verdade, viu-se acima que as artes são interdisciplinares, uma ajuda a construir a outra. Aliás, as denominações universo e cosmos dão a idéia de uma totalidade, de um holismo. Cosmos significa um conjunto harmônico que funciona com a perfeita integração das partes. Os seres, animais e vegetais, estão programados em uma cadeia alimentar em que tudo visa à harmonia e à manutenção do sistema. Quando há excesso de cangurus ou cervos é porque está faltando um predador, normalmente diminuído ou extinto pela ação humana.

Dentro deste contexto, de acordo com Melchior (2002), a educação não deve se preocupar tanto com a quantidade de informações armazenadas, mas com o aproveitamento das experiências adquiridas para a construção de novos conhecimentos. O aluno precisa ser avaliado em si mesmo e não quanto a sua posição no grupo,

classificando-o. Não se avalia meramente para atribuir um resultado e o aluno não estuda apenas para obter uma nota.

O ensino deve ser de fato uma totalidade, ministrado de forma complexa, considerando-se que para avaliar interdisciplinarmente é preciso realizar planejamento e educação também interdisciplinares, levando-se em conta as mudanças pelas quais passam a sociedade e o mercado de trabalho que exige a interdisciplinaridade e multidisciplinaridade. Por isto, escolas e universidades devem possibilitar ao aluno participar de um processo de educação multidisciplinar e interdisciplinar, durante os cursos, para que estejam preparados para o mercado de trabalho e também para os concursos que testam o preparo e a versatilidade em diversos campos, tendo uma visão ampla do mundo e das atividades que são capazes de desempenhar.

Conforme Weil (apud DIAS, 2009, p. 5), são necessários novos conceitos para apreender a realidade e um deles é a interdisciplinaridade que trata “da síntese de duas ou mais disciplinas instaurando um novo nível de discurso (metanível), caracterizado por uma nova linguagem descritiva e novas relações estruturais”. Sempre visando à superação da visão fragmentadora de produção de conhecimento, ainda objetivando articular o conhecimento fragmentado que existe hoje, realizando novas sínteses, recompondo a unidade entre as múltiplas representações da realidade.

É comum ouvir-se dos alunos, ‘isto aqui não é uma aula de português’, quando o professor dá noções de como compor um texto ou realiza correções de linguagem nas provas e nos trabalhos apresentados. Isto comprova que os alunos já são vítimas do ensino fragmentado, fatiado, uma vez que seus professores dão noções fechadas de cada conteúdo. Urge, pois, pôr as disciplinas a dialogarem, os professores se abrirem para que a educação tome uma forma holística, da totalidade, de modo que tudo esteja interligado. Isto não significa simplificar as coisas, mas torná-las mais complexas, profundas, com um significado existencial que ultrapassa as paredes da sala de aula, para unir as pessoas em locais os mais distantes.

A propósito, Severino (apud FAZENDA org. 2003. p. 43) afirma que

A educação é, na sua totalidade, prática interdisciplinar por ser mediação do todo da existência; a interdisciplinaridade constitui o processo que deve levar do múltiplo ao uno. O processo educativo e seus fundamentos epistemológicos e axiológicos baseiam-se em uma multidisciplinaridade, em uma pluridisciplinaridade. É que, dadas as nossas condições e a complexidade da prática, precisamos de múltiplos enfoques mediatizados

pelas abordagens das várias ciências particulares; mas não se trata apenas de uma justaposição de múltiplos saberes: é preciso chegar à unidade na qual o todo se reconstitui como uma síntese que, nessa unidade, é maior do que a soma das partes. Por isso, precisa ser também prática interdisciplinar.

Não se trata de desligar os conhecimentos, de fazer algo diferente por um modismo. A ideia é unir os conhecimentos que sempre foram dados como se uma disciplina não tivesse a ver com a outra. A verdade é que tudo deve estar unido, uno, não separado por partes, por especializações, dadas de forma desconexa pelos professores de diferentes disciplinas na escola.

E finalmente, Meira (2012, p. 17) afirma que a escola foi por si uma invenção, quando surgiu. Com o tempo, estagnou-se. Por isso seria importante se hoje a aula de história ganhasse vida, enredo, com personagens com início meio e fim. A aula de química poderia buscar a história dos alquimistas, na busca da transmutação dos metais inferiores em ouro, e ainda a procura do elixir da longa vida.

A criatividade, a busca de enredo, de organicidade no currículo, proporcionaria aulas mais interessantes, varrendo da sala de aula a rotina entediante que desestimula o aluno na busca do conhecimento e da procura da verdade científica, funções básicas da escola.

4.1. OS RECURSOS DIDÁTICOS

Inicialmente, é importante firmar o tipo de educação que se pretende. Para isto destaca-se o conceito de educação colocado por Moran (2009, p. 1),

Educar é colaborar para que professores e alunos nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos.

Neste caso, os recursos didáticos e tecnologias utilizadas para ensinar ou educar devem ser compatíveis com o que se entende por educação. Se uma metodologia empregada é alienante, urge que os professores deixem de empregá-la e utilizem

métodos e ferramentas que ajudem a alcançar os objetivos propostos na conceituação de educação apresentada acima.

Pensa Moran (2009) que na era da Internet há que se modificar a forma de ensinar e aprender. Isto foi percebido nos cursos à distância que perceberam a potencialidade da internet e das mídias eletrônicas, incluindo vídeo, televisão e computador. Não é uma presença massiva em sala de aula que faz as condições do aprender. Aprende o sujeito que deseja aprender e foi instruído a utilizar as mídias eletrônicas, os sites de busca que têm realmente fundamentação científica. Efetivamente, a internet pode ser um poderoso meio da formação, como também tornar-se um instrumento para a alienação, se mal utilizado.

O importante é aprender a pesquisar; o resto vai acontecendo à medida que houver empenho do aluno e segura orientação do professor. Está mais do que nunca atual o ditado de ensinar a pescar; no passado, dava-se o peixe pronto, os pontos, os questionários, e trabalhava-se muito e memorização. A dificuldade está em escolher os sites de qualidade, pois há informações demais que precisam ser indicadas pelos professores, de modo que os alunos também aprendam a discernir que fontes são fidedignas e o que é lixo na internet. Trata-se de separar o joio do trigo.

O papel do professor é cada vez menor. As tecnologias trazem dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O professor é ainda importante, com certeza mais fundamental que passado, ao ajudar o aluno a interpretar os dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

De acordo com Perrenoud (2000, p. 67), o médico não pode fazer nada pelo doente, “se ele não quiser se cuidar”; do mesmo modo, o professor não pode fazer nada pelo aluno “se ele não quiser se instruir.” Fica claro que a função principal do professor é ser orientador, ao procurar ajudar a fim de que cada um consiga avançar no processo de aprender. Parece que isto menospreza o papel do professor, no entanto, transfere parte da responsabilidade do aprender para o aluno. O aluno começa a escolher o que quer, torna-se cidadão, desenvolve suas potencialidades. É decisivo que o professor proporcione situações de interação, pois o aluno passa a ser sujeito de sua educação e parceiro do professor.

De acordo com Girao (2007, p. 60), coordenadora de produção de programas em vídeo da TV Escola, os vídeos com finalidades didáticas são complexos, mas não são de

impossível realização. Isto supõe que professores e alunos dominem essa tecnologia, para poderem fazer seus vídeos. A autora também endossa a tese que os vídeos são bem feitos, exigem muita preparação, vários agentes, em um processo que tem cinco etapas: ‘criação e planejamento; roteiro; pré-produção; direção e gravação e edição e finalização’. O que a autora recomenda é que os vídeos sejam claros, objetivos e utilizem efeitos especiais, mas que esses não se sobreponham ao conteúdo, desviando o conteúdo do foco. Com efeito, o futuro é visual e digital, por isso a familiaridade com os meios de produção de audiovisuais é importante para a formação de professores e alunos.

Aqui entra a interdisciplinaridade e o trabalho em equipe, sem competição entre professores. Sabe-se que para realizar um trabalho virtual são necessárias equipes que trabalham inter-relacionadas. As equipes virtuais são necessárias em vista de eficiência e, trabalhando longe, precisam ainda mais de planejamento, objetivos comuns, definidos, com uma visão de equipe, preocupados em dar sua contribuição no trabalho que está sendo realizado. Necessitam para isso de recursos adequados e treinamento para fazer um trabalho competente, com o apoio da tecnologia disponível.

A questão está em como usar a tecnologia a serviço do homem e da educação. A tecnologia vem como instrumento, mas ela perpassa todo o processo educacional e as relações sociais. Mas a tecnologia deve sempre estar a serviço do humano, não lhe ser superior e determinar as coisas de fora. A tecnologia aumenta, sem dúvida, a capacidade de conhecimento humano, mas deve ser utilizada sempre na promoção da vida, na melhoria das relações entre as pessoas, com um comportamento ético-político melhor, construindo-se uma sociedade sem coerções e exclusões.

Segundo Marques (2000, p. 104), não se deve ministrar apenas ensino por computadores, mas “[...] um ensino sobre computadores enquanto corpo teórico elaborado historicamente, desmistificando-se as noções ideológicas e revelando-se as possibilidades e os limites concretos dos conceitos com que trabalham as teorias da computação”. Cidadania e técnica precisam interpenetrar-se e completar-se. Realiza-se assim o processo emancipatório, em que a tecnologia representa a inovação e a mudança tão necessárias dos tempos atuais. A tecnologia capacita o homem para agir frente a situações complexas. Isso leva o homem a uma atuação solidária, agindo de forma política. Mas tudo deve interpenetrar-se no contexto educativo, não apenas como

instrumentos e canais para o conhecimento; não é apenas a presença de equipamentos na escola, mas uma nova cultura inserida no contexto escolar. Isto é, a técnica necessita estar a serviço do humano, como forma libertária, para facilitar a vida do homem, assim como as primeiras ferramentas que fizeram do homem um ser diferente dos outros animais, dos quais foi se afastando cada vez mais, como ser capaz de dominar o mundo, mas de forma a manter o sistema ecológico e não para destruí-lo.

Marques (2000, p. 105) reflete sobre tecnologia e educação de maneira tradicional. Compreende-se que os tempos mudaram rapidamente e que se está tratando em seu livro da educação tradicional, presencial, ministrada em sala de aula, com quadro verde e giz, como exemplifica a seguir. Mas sua reflexão vale pelo que aborda e o modo como dissecou a questão da aprendizagem e o endeusamento dos meios. Certamente ‘o meio é a mensagem’ como pontificou McLuhan, (apud MARQUES, 2000) mas não basta uma tecnologia sofisticada para se obter uma boa educação. Nesse sentido, mais valem os meios tradicionais, utilizados com sabedoria e competência, reconhecendo sempre que “seria ingênuo não perceber quanto se depende dos instrumentos materiais e dos meios culturais”. E ainda “não existe prática efetiva e relevante sem o uso da tecnologia, mas esta deve ser pedagogicamente reconstruída e assumida intencionalmente pelo coletivo nela interessado.” Os meios de comunicação não produzem objetos, mas programas, são mediações, precisam estar dentro de um projeto político-pedagógico, definindo a sociedade e a educação que querem.

No entender de Marques (2000, p. 106), os meios audiovisuais precisam adequar-se aos programas de ensino, não podem ser meramente enfeite, sofisticação, entretenimento. Meios simples são eficazes, pois “são flexíveis e multivalentes”. Assim o “quadro verde, sempre sensível ao pensamento vivo, versátil e prático, criativo, dispensando a exposição pré-fixada e pré-desenhada na materialidade do registro.” Realiza a mediação, registra o pensamento, tudo sincronizado entre mestre e aluno e meio. O que importa é que “materializa-se no quadro verde a convergência da inteligência e da percepção sensível na base da organicidade dos elementos essenciais que importa destacar.” A essência não são os instrumentos, mas a utilização que deles se faz, os usos é o que interessa e não os meios em si.

Percebe-se que, na virada do milênio, os meios de comunicação, computador e internet, de modo especial, já desafiavam o ensino tradicional. Por outro lado, nota-se

que Sócrates, Platão e Aristóteles filosofavam e educavam os jovens de seu tempo na simples reflexão, praticamente sem instrumentos, às vezes sequer tinham uma sala para ensinar. Mas foram tempos, a realidade mudou, o mundo é “uma aldeia global” para citar novamente McLuhan e é preciso atingir a todas as pessoas, democratizando o conhecimento e a informação. Hoje é quase impossível educar sem tecnologia, mas claro que a educação precisa ter qualidade; os programas, os vídeos devem ser bem preparados para atingirem os fins a que se propõem. Certamente haverá assim também uma harmonia entre a reflexão feita e os meios que levam informação aos lugares mais distantes, mudando tantas vidas, inserindo digitalmente e preparando para o mercado de trabalho pessoas que desejam ser cidadãos e participar da construção do mundo de maneira efetiva, não sendo apenas números num contexto mundial.

Debate-se nesta pesquisa a formação dos educandos dentro do espírito da educação em que o aluno se autoforma, utilizando-se a expressão de Roca (apud SANCHO, 1998, p. 183). Na verdade, de acordo com o autor, não tem sentido o debate sobre qual é a melhor tecnologia e mesmo se o professor é dispensável, no caso de se utilizar tecnologia de ponta.

De acordo com Roca (apud SANCHO, 1998, p. 183),

Logicamente, em sistemas de formação onde os estudantes trabalham sozinhos, ou com colegas, sem a orientação constante de um professor, durante grande parte do tempo destinado ao estudo, o papel das tecnologias é fundamental e define o sucesso ou o fracasso na maioria dos casos. Mas estaríamos nos enganando se considerássemos as tecnologias como o elemento básico número um dos sistemas de autoformação ou de formação à distância. O elemento fundamental continua sendo o elemento humano: o estudante e o professor.

Ou seja, a vontade de aprender do estudante está em primeiro lugar e o professor funciona principalmente como motivador, despertador da vontade de aprender. Por outro lado, seja na formação à distância ou na autoformação não se prescinde do professor; ele continua sendo fundamental e essencial. As universidades que formam professores é que precisam mudar o tipo de professor que estão formando para trabalhar num sistema mais aberto, que respeite mais o aluno como mentor da própria aprendizagem, mas continuando o professor como elemento-chave no processo ensino-aprendizagem, orientando o aluno.

E Roca (apud SANCHO, 1998, p. 187), volta ao debate, que pretende inútil, sobre qual a melhor tecnologia. Não se trata de concorrência, “todas podem ser boas – ou todas podem ser más. Dependerá de muitos fatores: aluno, objetivos, conteúdos, sistema geral aplicado...”.

O professor e a escola disponibilizam tudo o que pode contribuir para uma boa formação e informação. O aluno decide sobre qual das tecnologias lhe serão mais úteis. Há que se respeitar também a diferença dos alunos, pois alguns são mais dependentes e necessitam de mais apoio humano e outros se libertam e conseguem avançar mais, aprendendo com máquinas, que indicam certo caminho para a aprendizagem, mas que precisa ser decodificado pelo aprendente.

Por outro lado, Almenara (apud SANCHO, 1998) adverte que os meios utilizados na educação devem estar também sujeitos à avaliação. Constata-se que há meios que sofreram mudanças, como os tradicionais quadros-negros ou verdes. Outros que foram sendo descartados como máquinas de datilografia, mimeógrafos, lâminas para retroprojektor, citando apenas alguns exemplos. Os que ficam também vão sofrendo modificações, sendo que o descarte e a substituição são marcas do tempo moderno.

Importa, pois, que se saiba avaliar a eficiência dos meios que se utiliza para atingir os objetivos educacionais. No entendimento de Villar (apud ALMENARA, apud SANCHO, p. 260) entende-se aqui como avaliação o

processo controlado e sistemático de análise da qualidade de um serviço – educação – prestado à sociedade que detecta os seus atributos críticos inerentes, que os aprecia com base em critérios de valor e que orienta o esforço questionador a estudar as condições do serviço e a aperfeiçoar o seu funcionamento.

Trata-se, pois, de averiguar se os meios utilizados na educação são melhores ou piores dos que os usados no passado. Tem-se, aliás, que convir que tecnicamente eles são melhores e, se não estão produzindo resultados satisfatórios na educação, a razão deve ser o mau uso, ou a inépcia na sua utilização. Não basta ter os melhores meios para realizar uma educação competente; é preciso ter conhecimento de como utilizá-los, produzindo assim informação e educação mais eficientes.

Evidentemente, de acordo com Almenara (apud SANCHO, 1998, p. 272), a avaliação dos meios depende de verificar muitos itens, como os conteúdos, aspectos técnico-estéticos, custo e benefício, entre outros. Pode-se também consultar

especialistas, para fazerem uma avaliação mais fundamentada. E ainda ouvir os usuários, com base em escala de adjetivos bipolares, para saber se os vídeos utilizados, por exemplo, são entretidos ou monótonos, divertidos ou chatos, ineficientes ou eficientes, complicados ou simples, atrapalhadores ou facilitadores, e muitas outras oposições possíveis.

E por fim, conforme o autor Almenara (apud SANCHO, 1998), os próprios alunos podem ser avaliados por vídeos produzidos na sala de aula. Uma atividade pode ser filmada e vista por uma turma mais adiantada. Essa turma avalia os acertos e erros, qualidades e defeitos na atuação de seus colegas. O professor também se autoavalia nessa atividade, como partícipe na produção de meios educativos e nos efeitos produzidos pelos meios técnicos na evolução do processo educativo.

Como se percebe, se a educação ainda não é de qualidade, em parte é porque não há contínuas avaliação e autoavaliação dos agentes educacionais. Empregando-se tecnologia de ponta, com muito cuidado e competência, realizando-se sempre feedback os resultados aparecerão, primeiro timidamente, e em seguida, com certeza, em plenitude.

OBERSVAÇÕES E IDEIAS COLETADAS DURANTE A PESQUISA

Conforme foi anotado acima, e baseando-se em Rudio (1978), o presente trabalho é uma pesquisa teórica, em autores que fizeram seus registros em livros, jornais revistas e rede da internet, onde muitos conteúdos são postados hoje. Mas, na verdade, é na prática diária e na participação do crescimento da era digital e da imagem que buscamos a maior bagagem de conhecimentos.

Foram apresentados aos primeiros videogames, videocassetes, e viveu-se o final da era dos projetores de slides. Iniciamos o trabalho educacional orientando os alunos em pesquisas na internet, não como uma forma de simplificar, copiar e colar, mas para aumentar o conhecimento, buscando recursos digitais, disponíveis na rede de computadores.

A partir dali, para o presente trabalho, estudou-se a história do cinema e suas enormes possibilidades de aplicação em sala de aula, devido ao seu suporte digital de

fácil armazenamento e utilização se comparado ao quadro da Mona Lisa ou uma escultura e mesmo como construção do conhecimento, na base do bordão “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”. Na verdade, há um fervilhar de ideias nas cabeças dos alunos que podem virar histórias, experiências, conhecimentos.

Por isto, coletaram-se muitos dados que merecem ser analisados, mesmo não se tratando de uma pesquisa de campo, no sentido estrito. O primeiro dado, com certeza, é que o conhecimento é um tecido e não uma pilha de conhecimentos estanques e compartimentados.

Ou seja, na educação precisamos ter uma visão holística, onde os conhecimentos precisam ser interligados, como numa rede. Por isto, além de propugnar por uma didática moderna, que utiliza alta tecnologia, defendemos também a interdisciplinaridade que permite o holismo, a harmonia e inter-relação entre os campos de estudos, disciplinas e áreas de conhecimentos.

A especialização é importante; é através dela que o conhecimento avança. Mas ela não pode se separar do todo, pois incorreríamos na quebra da totalidade, entrando na compartimentação do conhecimento, impossibilitando o diálogo entre as ciências.

Quanto à tecnologia, na educação ou na vida cotidiana, precisa ser vista como um meio, uma ferramenta e não como um fim em si mesmo. A tecnologia não pode ser endeusada, ficando os seres humanos na mão da técnica, feitos objetos. O ser humano será sempre o beneficiário da tecnologia, cooperando com ela, utilizando-a, mas para seu conhecimento e aumento de seus aspectos humanos e de sua dignidade.

Ainda, uma constatação importante nesta pesquisa, a tecnologia em sala de aula não pode ser mera diversão, preenchimento de tempo, pois estaríamos andando em sentido inverso ao progresso pretendido. Não é que se pretenda privilegiar a disciplina e o trabalho duro, como primeiros objetivos. A ideia é tornar o trabalho escolar mais interessante, mais produtivo, mas sem se tornar dispersivo.

Por isto os filmes a serem assistidos durante um ano letivo precisam ser programados juntamente com o conteúdo programático, sem medo de cair na redundância. Ao programar-se o ano letivo, planejando os conteúdos, selecionam-se os filmes que serão assistidos em aula, ou mesmo como trabalho extraclasse, para cada unidade. Assim, a tecnologia estará a serviço da educação e o aluno terá os conteúdos

necessários, muitas vezes difíceis de assimilar, mas, paralelamente, terá atividades mais descontraídas, mas ilustrativas e complementares aos conteúdos da série em questão.

Ressalte-se que a tecnologia pode também ser aplicada para realizar uma avaliação, um feedback, permitindo que atividades de sala de aula sejam filmadas e assistidas por outra turma ou pela mesma turma para apontar os erros cometidos na apresentação de trabalhos, possibilitando sua correção.

E por fim, o professor não precisa temer sua extinção, sendo dispensado com a revolução tecnológica. Cada vez mais, o professor torna-se necessário, orientando os alunos na pesquisa. Quanto mais material existir na rede de informações, mais necessário será o professor para educar os alunos na escolha dos sites, na interligação dos temas e conteúdos, fazendo com que os estudantes se encontrem na pesquisa e que não se percam no emaranhado de informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar o presente estudo bibliográfico, pesquisou-se sobre a importância das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e mais especificamente o cinema na educação que, no contexto mundial, vem sofrendo mudanças substanciais em sua inserção, com apoio para a informação e formação dos educandos. Praticando-se uma visão de conjunto, holística, interdisciplinar e multidisciplinar, possibilita-se que o mundo evolua a favor do ser humano, encontrando os seus caminhos para o desenvolvimento.

Ao se fazer educação dentro do novo paradigma, respeitando-se as culturas, as diferenças raciais, etárias, de cor, de comportamento, formato de família e outras nuances, constrói-se uma escola com novos conceitos, que educa na interdisciplinaridade, numa forma de manter uma visão geral dos temas apresentados, na busca conhecimento universal.

Isto está sendo feito ainda em ritmo lento, pois falta formação pedagógica e tecnológica aos professores para atender alunos que nasceram na era tecnológica e já chegam à escola predispostos para aprenderem dentro das novas tecnologias, com uma expectativa diferente dos alunos da geração da maioria dos professores, portanto sugere-se uma nova metodologia para o ensino, nesse caso das artes.

Sabe-se que música, a dança, o teatro, a pintura e a literatura são artes consagradas que vêm se desenvolvendo há centenas de anos e buscam a transmissão dos sentimentos humanos a quem se dispuser entendê-los. O que antes, na escola, acontecia restrito à disciplina de artes, com a evolução cinematográfica, a expansão atualizou-se nos mais longínquos cantos do mundo, levando nossa cultura e em troca recebendo a cultura dos outros povos.

Ver anotação

O ponto alto desta pesquisa foi incluir cinema e interdisciplinaridade, entendida como uma articulação entre os diversos campos de conhecimento, a partir de eixos conceituais. Dentro da metodologia do trabalho didático é importante trabalhar com conceitos, como tempo, espaço, dinâmica das transformações sociais, a consciência da complexidade humana e da ética nas relações, levando ainda em conta a importância da preservação ambiental, e do exercício pleno da cidadania. O currículo precisa ser

articulado, dentro de uma organicidade para que tudo venha ao encontro à formação do cidadão, integrado no ambiente social e incluído no mercado de trabalho.

Ver anotação

O cinema é uma arte recente que vem acompanhando as novas tendências e graças ao avanço tecnológico, hoje é comum - uma ideia na cabeça e uma câmera na mão – encontrar pelas escolas alguém que já filmou os colegas, já editou filmes ou até mesmo escreveu um roteiro. Essa juventude que fará a continuidade do processo de desenvolvimento da sociedade, com os novos propósitos e métodos passa impreterivelmente pela educação de tal forma que implica em fazer a inclusão e administração desses novos recursos internet, celular, câmeras e filmadoras digitais.

O educador do século XXI constata que a introdução do cinema na educação tem trazido mais benesses do que prejuízos. Isto se comprova no presente trabalho de pesquisa, no primeiro momento, na revisão dos nossos conceitos a respeito das artes em si e depois vendo o cinema como arte moderna e colaborativa dentro do espaço cultural, de trabalho e escolar.

Isso se deve a grande quantidade de filmes produzidos ano após ano, tanto internacionais como nacionais, que permite uma seleção buscando a qualidade, como no caso do filme “Sociedade dos poetas mortos” que foi alavancado graças a sua disseminação no círculo educacional, no qual contava a história de um professor revolucionário, e ao mesmo tempo esclarecia que essa revolução tinha um preço.

Não quer se provar que o cinema é melhor ou pior que as artes predecessoras, mas mostrar o reconhecimento como tal trazendo uma importante discussão sobre a qualidade da educação no futuro, seu destino antropológico em meio ao progresso tecnológico avassalador dos grandes centros mundiais e a suas características inovadoras como a ilusão da terceira dimensão.

Dessa forma vemos o cinema no mundo moderno, assim como o telefone ou o avião, um exemplo de evolução da condição humana, então o aluno observa que o mundo se tornou mais visual, pois as esculturas já existiam, a dança, o teatro, a pintura ou a fotografia de tal modo que tudo isso reaparece de novo em discussão dentro da temática do vídeo na escola, ou seja, não vemos apenas o cinema, discutimos as outras artes junto.

Num futuro próximo professores e alunos irão discutir se verão filmes produzidos por eles próprios ou industriais ou ainda de outras escolas ao redor do mundo levando em conta critérios relacionados ao mundo em que vivem e não assuntos distantes da sua realidade.

Diante do que foi exposto dentro dessa monografia podemos afirmar que o cinema é incluyente, gerador de possibilidades infinitas nas combinações das artes, permite a criatividade e a autonomia. É eclético, mas fundamentalmente, é cooperativo no âmbito escolar, pois as tribos poderão mostrar seus pontos de vista entre si, melhorando a qualidade das artes, da comunicação e do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Benedita de. **Vídeo e TV na sala de aula: limites e possibilidades para a reflexão e para a formação integral.** Disponível on line http://pesquisaeducacao.files.wordpress.com/2011/02/linhas_de_pesquisa.pdf. Acesso em 10.09.2012. 2011.

ALMENARA, Julio Cabero. **Avaliar para melhorar:** meios e materiais de ensino. In SANCHO, M. Juana (Org). Para uma Tecnologia Educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BARCINSKI, André . **“O Artista”, ou quando o silêncio brigou com o som.** Disponível em <http://andrebarcinski.folha.blog.uol.com.br/>. Acesso em 21.08.2012.

BANDEIRA, Zeca. Qualificação Aproxima Professor das Novas Tecnologias. Ministério da Educação. Secretaria de Educação à Distância. **Revista TV Escola: Tecnologias na Educação.** Brasília: Araguaia Indústria Gráfica. Dez. 2010.

BARONE, Henrique Lopes. **Breve História da Arte – Do Renascimento ao Simbolismo.** Disponível http://www.quadrochave.com/uploads/historia_da_arte_p1.pdf. Acesso em 16.08.2012.

BLANCHETTI, Lucídio; JANTSCH, Ari Paulo (Orgs). **Interdisciplinaridade:** para a além da Filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

BORGES, Sam Thiago P.. **Música eletrônica, arte e racionalização.** Revista Eletrônica de Ciências Sociais, Número 8 – Março de 2005 disponível <http://www.cchla.ufpb.br/caos/samthiago.pdf>. Acesso 19.08.2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais : arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC / SEF. Disponível portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf. Acesso 18.08.2012.

COELHO, Álisson. Nota Máxima: O Professor que é nota 10. **Zero Hora.** Porto Alegre. 10 de agosto de 2012.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura:** Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DIAS, Tânia Maria da Cunha. **Avaliação Interdisciplinar: Uma Experiência Feita ao Revés.** Disponível on line www.angrad.org.br/area_cientifica/artigos/. Acesso em 06.02.2009.

FEIX, Daniel. Ascensão Vertiginosa: Hitchcock desbanca do topo de prestigiada lista de melhor filme de todos os tempos. **Zero Hora.** Segundo Caderno. Porto Alegre. 06 de agosto de 2012.

FUNDAÇÃO DARCY RIBEIRO. **Interdisciplinaridade**. Disponível on line http://www.fundar.org.br/temas/texto__7.htm. Acesso em 10.07.2012.

GERAL. Nota Máxima: O Professor Nota 10; Na web TV, a chance de aprimorar expressão oral. **Zero Hora**. Porto Alegre. 10 de agosto de 2012.

GILMOUR, David. **O Clube do Filme**: Um pai, um filho, um filme por semana. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009.

GIRAO, Ligia Cirino. Vídeos educativos: como e para quê produzi-los. **Bem Público**. Hora Pública Editora: Curitiba. Ed. 16, outubro/novembro 2007. p. 60 a 63.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

KANASHIRO, Áurea Regina. **Projeto Araribá**: português. São Paulo: Moderna, 2006.

LEBELEM, Cristiane. EaD é a via principal. **Bem Público**. Hora Pública Editora: Curitiba. Ed. 16, outubro/novembro 2007. p. 49.

MACHADO, Roberto. **O Nascimento do Trágico** *De Schiller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Zahar. Disponível <http://circoeletronico.com.br/doc/t1103.pdf>. Acesso em 15.08.2012.

MARQUES, Mário Osorio. **A formação profissional da educação**. Ijuí: ed. UNIJUÍ, 2000.

MEIRA, Luciano. Inovação na Escola. **Revista Pátio**. Porto Alegre: Grupo A, Educação SA. Ano IV, n. 14, set/nov. 2012.

MELCHIOR, Celina. **Avaliação pedagógica** função e necessidade. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

MIRANDA, Antonio. **Escultura como Forma e Significado**. Universidade de Brasília. Disponível <http://www.antoniomiranda.com.br/ensaios/EsculturaFormSign.pdf>. Acesso em 16.08.2012.

MOCELIN, Renato. **História e Cinema**: educação para as mídias. São Paulo: Brasil. 2009.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias**: Transformar as aulas em pesquisa e comunicação presencial-virtual. Disponível <http://www.eca.usp.br/moran/uber.htm>. Acesso em 22.08.2012.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2009.

PERRENOUD, Philippe. **10 Novas competências para Ensinar**. Artmed: Porto Alegre, 2000.

PERRONE, Marcelo. Entrevista: Arnaldo Jabor, cineasta e cronista. **Zero Hora**. Segundo Caderno. Porto Alegre. 10 de agosto de 2012.

PETRAGLIA, Izabel Cristina. **Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber**. Petrópolis: Vozes, 1995.

ROSA, Rafael Brenner da. Arquitetura, A Síntese Das Artes. Disponível <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5114/000510331.pdf?sequence=1>. Acesso em 17.08.2012.

ROCA, Octavi. **A autoformação e a formação à distância: as tecnologias da educação nos processos de aprendizagem**. In SANCHO, M. Juana (Org). Para uma Tecnologia Educacional. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SCHNEIDER, Steven Jay. **1001 filmes para ver antes de morrer**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **O Conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática**. In FAZENDA, Ivanir. Didática da Interdisciplinaridade. Campinas: Papirus, 2003.

SPINER: Portal para Jovens. O que é Arte? Disponível <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=192>. Acesso em 20.07.2012.

WALACE, Ferreira. **Uma análise revisionista de Adorno e Horkheimer em “A Dialética do Esclarecimento**. CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais Ano 2, Volume 5, Dezembro, 2008. Disponível on line <http://www.editoraufjf.com.br/revista/index.php/csonline/article/viewFile/629/558>. Acesso em 20.08.2012.

Wikipédia, a enciclopédia livre, Cinema. Disponível on line <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cinema>. Acesso em 15.07.2012. 2012.

